

LUÍS PEDRO SANTOS GONÇALVES

orientador Prof. Dr. António Lousa
co-orientador Arq. Jorge Carvalho

RUÍNAS GENÉRICAS ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO EM CONSTRUÇÕES INACABADAS

dissertação de mestrado integrado em arquitectura
dARQ.FCTUC



COIMBRA • JUL 2013

RUÍNAS GENÉRICAS
ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO EM
CONSTRUÇÕES INACABADAS

*Aos meus pais e à minha irmã. Aos meus avós. Aos meus tios.
Obrigado, pelo apoio incessante ao longo destes anos.
Aos meus amigos. Aos que trouxe, e aos que levo, para sempre.
Vocês são incríveis.
Ao professor doutor António Lousa e ao professor Jorge Carvalho,
pela orientação.*

À minha Margarida. Por tudo.

Viva o dARQ.

Este trabalho não segue o novo acordo ortográfico.

7	INTRODUÇÃO
11	CIDADE
15	Cidade Global
19	Cidade Genérica
23	Metápole
27	Shrinking Cities
47	RUÍNAS GENÉRICAS
49	O inacabado
55	Ruínas Genéricas
67	Szkieletor, Cracóvia, Polónia
71	Torre David, Caracas, Venezuela
77	Vakko Fashion Center, Istambul, Turquia
83	Intervir ou não intervir?
103	RUÍNAS GENÉRICAS EM COIMBRA
113	O Projecto
119	Conclusão

INTRODUÇÃO

Esta dissertação surge do fascínio pessoal pelos espaços gerados por construções inacabadas - sobretudo, pela sua capacidade de representar, da maneira mais estática possível, o constante movimento da cidade - e isso, foi também o que me levou a perceber que estes espaços podem ser mais do que fascinantes. Podem ser úteis. A necessidade cada vez mais actual de procurar estratégias urbanas alternativas, ligada ao fenómeno da contração urbana, forneceu o contexto ideal para construir uma abordagem possível a estes espaços. O termo Ruína Genérica não vem da necessidade de tipificar estes espaços, mas antes da necessidade de lhes reconhecer um valor, que até então permanece menosprezado.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, irei abordar estes espaços à escala da cidade. Desse modo, identificarei três conceitos principais que fizeram parte da discussão sobre cidade num passado recente, procurando nesses mesmos conceitos, características que permitam chegar até ao conceito actual da contração urbana. A contração urbana, através da apresentação do projecto *Shrinking Cities*, será o tema base para o desenrolar dos capítulos seguintes. No segundo capítulo, irei abordar estes espaços à escala do lugar. Começarei por explicar o modo como o

estado inacabado tem influência na especificidade destes lugares e porque razão os poderá transformar em ferramentas indispensáveis ao desenvolvimento da cidade. Depois de explicar o conceito de Ruína Genérica - um conceito introduzido por mim, que surge da necessidade de reconhecer um valor a estes espaços - e identificar as características-chave destes locais, irei passar à sua demonstração através de três casos de Ruínas Genéricas que se encontram actualmente ocupadas: a Torre David em Caracas, o *Szkielektor* em Cracóvia e o *Vakko Fashion Center* em Istambul. Seguidamente, irei colocar a questão *intervir ou não intervir?*, que me levará, por fim, à identificação de três problemáticas que se demonstrarão essenciais, antes, e durante a formulação de qualquer ideia de intervenção para uma ruína genérica. Finalmente, no terceiro capítulo, em jeito de resumo e conclusão da dissertação, irei apresentar um projecto genérico para locais específicos, que identifiquei na cidade de Coimbra.

capítulo 1

CIDADE

As cidades são o reflexo de vários agentes, e dos meios que estes dispõem, entre os quais se encontram a sociedade e a arquitectura. A arquitectura tem sido um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento da cidade e vem acompanhando toda a sua evolução, adaptando-se aos conceitos existentes, desenvolvendo-os e propondo novas práticas.

A existência de uma relação intrínseca entre cidade e arquitectura nem sempre foi evidente. Testemunhos desta relação podem ser encontrados em toda a tratadística desde o renascimento até ao séc.XIX (...) Porém, se esta relação é bastante clara na cidade e arquitectura histórica, nos dias actuais ela não é tão evidente assim. Não existe um consenso entre os termos arquitectura e cidade que permita que os mesmos sejam pontos de partida estabelecidos para criação concreta de arquitectura ou cidade.¹

Nos tempos áureos do modernismo assistimos a grandes choques culturais

¹ Solà-Morales, Ignasi de. (2002). *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA. p.23-24

como a introdução das novas tecnologias, das redes de comunicação e dos meios de transporte motorizados. A mudança cultural e a velocidade com que a cidade se começou a desenvolver apenas deixavam prever um único futuro: a expansão. Apesar de modelos como os propostos pelos *Team X* ou pelos *Archigram* demonstrarem uma posição mais crítica e humana em relação ao que foram os fundamentos originais do modernismo, defendidos por arquitectos como Le Corbusier e documentos como a Carta de Atenas, existe ainda assim uma crença comum a todos eles: a cidade como objecto em expansão.

Actualmente, os estudos têm provado que a época de crescimento e expansão das cidades chegou ao fim, e encontramos agora a viver as consequências de planeamentos, projectos e até mesmo de sociedades que não estão preparados para responder às necessidades actuais dos aglomerados urbanos. No âmbito do estudo dos espaços residuais urbanos e mais concretamente sobre as ruínas genéricas, foi essencial identificar os temas principais que fizeram parte da discussão urbana num passado recente. O critério para a escolha dos conceitos, que irei apresentar de seguida, foi o facto de todos eles terem origem numa época em que se percebeu, de facto, que a cidade se tinha transformado em algo completamente diferente do modelo ideal modernista. São eles a Cidade Global, Cidade Genérica e Metápole. Estes conceitos foram também impulsionadores das discussões que nos trouxeram até ao conceito da contração urbana, no seguimento do qual surge o trabalho desenvolvido pelo projecto *Shrinking Cities*, que se tem dedicado à procura de estratégias alternativas para tornar a contração urbana num processo qualificado.

O projecto *Shrinking Cities*, é uma das pesquisas recentes que se tem concentrado na procura de uma nova definição para a mistura heterogénea - e muitas vezes genérica - em que se tornou a cidade e que se tem esforçado para repensar os moldes do urbanismo. Assim sendo, a contração urbana fornece o contexto ideal para o estudo das obras inacabadas que encontramos nas nossas paisagens urbanas, o objecto de estudo deste trabalho.

A maior parte das pessoas será, num determinado momento da vida, simultaneamente conservadora e radical, estará preocupada com o que é familiar e distraída com o inesperado;

*e, se todos nós tanto vivemos no passado como temos esperança no futuro (o ser do tempo presente não é mais do que um episódio no tempo), seria razoável aceitarmos esta condição. Ora, se sem profecia não há esperança, sem memória não pode haver comunicação.*²

No seguimento do que afirmam Rowe e Koetter, a análise dos conceitos Cidade Global, Cidade Genérica e Metápole, e do projecto *Shrinking Cities*, surge da necessidade de procurar uma base, passada, que fundamente a esperança, presente, de um novo significado, futuro, para as obras inacabadas. É essencial tirar partido da distração provocada por estes locais inesperados e começar a prestar-lhes mais atenção, de modo que o presente, passe a ser tão importante como o passado ou o futuro. Perante os espaços, ideias e conceitos, com que a arquitectura e a cidade nos confrontam, devemos ser capazes de simultaneamente reviver o passado e sonhar com o futuro, mas nunca esquecendo a procura constante pelo presente.

Cidade Global

Quando em 1991 Saskia Sassen desenvolveu o conceito de Cidade Global viviam-se tempos, tal como hoje, altamente dominados por factores económicos. O sistema económico internacional, alimentado pela ascensão das tecnologias de informação e conseqüente crescimento da mobilidade e liquidez do capital, *sofreu grandes alterações na última década como resultado da privatização, desregulação, abertura dos mercados nacionais a empresas estrangeiras e com o aumento da participação de grupos económicos nacionais importantes em mercados internacionais. Este enfraquecimento do nacional como unidade espacial e o crescimento associado da globalização tem vindo a dar origem a novas unidades ou escalas espaciais.*³

Saskia Sassen dividiu a sua teoria de cidade global em sete partes: a dispersão geográfica e o conseqüente aumento da importância das funções centrais corporativas;

² Rowe, C., & Koetter, F. (1983). *Collage City* (1ª ed.). The MIT Press. p.49

³ Sassen, Saskia. (2005). The Global City: Introducing a Concept. *Brown Journal of World Affairs*, 11(2). p.27

o *outsourcing*⁴ como resposta à crescente dificuldade de executar as funções centrais de uma empresa dispersa geograficamente; as novas dinâmicas de aglomeração a que estão sujeitas as empresas de *outsourcing* e os ambientes urbanos intensos e densos de informação que estas dinâmicas originam; a liberdade de escolha da localização que as empresas ganharam ao repartirem as suas funções centrais em *outsourcing*; as redes globais de filiais e outros tipos de parcerias associados a estas empresas e o consequente fortalecimento das transações cidade para cidade. Um possível início de um sistema urbano transnacional; o evidente grau de desigualdade espacial e sócio-económico derivado do elevado número de profissionais altamente qualificados presentes nas cidades onde estas empresas se instalam; a crescente informalização de um campo de actividades económicas que encontram nestas cidades mercado suficiente para a sua manutenção, apesar de não serem capazes de competir com as empresas de topo de mercado.

Com base nestes sete aspectos conseguimos então perceber o que caracterizava uma cidade global e ter noção dos motivos que levaram ao aumento da velocidade de desenvolvimento das cidades e de toda a informação cruzada na rede global que elas formaram. Houve uma constante necessidade de actualização de modo a permitir a circulação de informação. Se durante muito tempo a arquitectura lidou com problemáticas estacionárias - cada empresa tinha uma sede fixa onde todas as funções se concentravam e associadas às sedes se construía também habitações para os funcionários - a cidade global descrita por Saskia Sassen veio obrigar a encontrar respostas para a dinâmica de dispersão geográfica e, ao mesmo tempo, da centralização, forçando a arquitectura a desenvolver espaços capazes de estar em constante actualização e mutação, preparados infraestruturalmente para possibilitar as grandes trocas de informação inerentes, ou até mesmo acolher a enorme vaga de emigração, também associada ao fenómeno da globalização.

Se nas mega-estruturas de Paul Rudolph ou nas cidades andantes dos *Archigram* conseguíamos adivinhar a cidade como uma rede que constituía um todo

4 *Outsourcing* é a transferência das actividades conhecidas como actividades meio, e nunca as actividades fins (produto final), para uma empresa terceirizada. Por outras palavras, é uma parceria. A contratação de serviços periféricos visa a reduzir custos internos aproveitando o *know how* e a especialização de empresas externas que, em determinadas áreas específicas, se revelam como opção mais vantajosa, permitindo maiores rentabilidades. fonte:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Outsourcing>

global, porém individual, o panorama descrito por Saskia Sassen era outro, onde as cidades formavam um todo global, colectivamente, apoiado na mega-estrutura composta pelas telecomunicações, pelas redes digitais e redes de transporte. O impacto da globalização na arquitectura foi também uma das motivações para os textos escritos por Rem Koolhaas, onde o autor afirmava que *a globalização transforma a linguagem em espaço-lixo. Estamos submetidos a um marasmo da fala.*⁵ Textos como o Espaço-Lixo ou a Cidade Genérica, que foram fundamentais na escrita deste trabalho e serão abordados mais à frente, criticam o modo como a cidade lidou com a globalidade.

Em jeito de conclusão, a globalização trouxe consigo uma elevada taxa de construção aliada à comunicação, constrói-se para promover marcas e identidades. Esta construção desenfreada tem sido a principal responsável pela geração de espaços esquecidos, desregulados, espaços onde não damos pelo tempo passar. São estes espaços que estão actualmente em debate no campo da contração.

Cidade Genérica

*A Cidade Genérica é a pós-cidade que se está a preparar no lugar da ex-cidade.*⁶

O texto Cidade Genérica foi escrito por Rem Koolhaas em 1994. A obsessão generalizada pelo centro e pela identidade transformaram o centro urbano no local mais paradoxal de toda a cidade - ao mesmo tempo tinha que ser o mais velho e o mais recente. Foi com base na crítica a estas premissas que o autor desenvolveu a sua teoria.

Originalmente Americano, Koolhaas defendia que o fenómeno da Cidade Genérica se começava a alargar a outros continentes. Era uma cidade livre e altamente convergente, sem identidade, e o desafio que Koolhaas propôs quando nos confrontou com este conceito foi o de perceber quais as vantagens desta falta de identidade.

⁵ Koolhaas, R. (2010). *Três textos sobre a cidade*. Barcelona: Gustavo Gili. p.100

⁶ ibidem p.42

Longe do espartilho da história, da identidade e da centralização, esta cidade não tinha manutenção, tinha antes identidades descartáveis. Era multicultural, o simples reflexo da necessidade e capacidade então actuais.⁷

*A cidade genérica é o que resta depois de grandes sectores da vida urbana terem passado para o ciberespaço.*⁸ É possível identificar aqui uma das relações entre o conceito de Koolhaas e o conceito de Cidade Global, desenvolvido por Saskia Sassen que referi mais atrás: toda a globalidade e redes de comunicação indispensáveis à mesma retiraram à cidade uma grande parte da sua vivência e dinâmica. Maior parte dos negócios passaram a ser feitos *on-line*, assim como muitas outras ações que durante muitos anos fizeram parte do quotidiano urbano. Tudo isto contribuiu para um ambiente urbano sedentário, focado cada vez mais na rede e menos na cidade como local de troca de experiências.

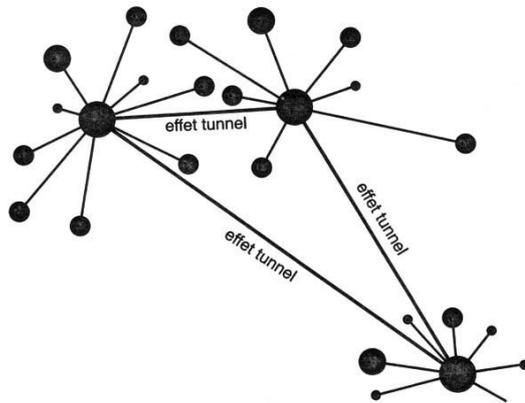
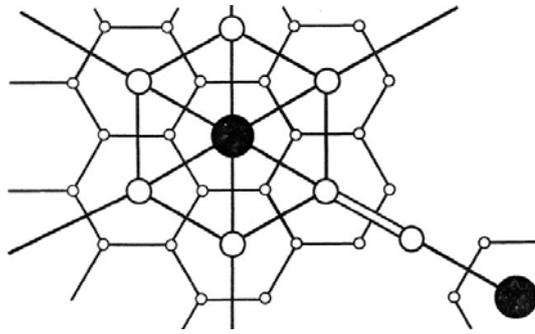
A desordem era a principal atracção da Cidade Genérica. Fruto da *tabula rasa*, a sua dependência para com o trânsito e os fluxos era uma das principais razões para a insubstancialidade das suas fundações e conseqüente falta de identidade. Liberta de preconceitos, facilmente abandonava o que não funcionava e partia para novas experiências. A cidade genérica não melhorava, abandonava. A habitação, por exemplo, não era um problema, era indiferente se foi ou não pensada, se era ou não legal. A estética desta cidade caracterizava-se pela combinação inesperada dos três elementos base: estradas, edifícios e natureza. Num momento podiam coexistir os três, e noutra podia não existir nenhum deles. A sua descoberta mais perigosa e estimulante foi *que o planeamento não faz qualquer diferença. Os edifícios podem colocar-se bem (...) ou mal (...). Todos florescem/morrem de maneira imprevisível.*⁹

Para concluir, a cidade genérica, tem sido ao mesmo tempo um ajudante da expansão e da contração. Se por um lado a sua capacidade de abandonar o que não funciona e substituí-lo por algo novo foi um dos principais responsáveis pelas expansões inconsequentes de várias cidades nas últimas décadas, por outro, a generalidade, apesar de perigosa, e a capacidade de olhar para a cidade sem preconceito têm sido um dos principais ajudantes da contração. A capacidade de

7 *ibidem* p.35

8 *ibidem* p.37

9 *ibidem* p.47



1. Esquema *Christalleriano*
2. Esquema em *hubs e spokes*, que dá origem ao efeito túnel

adaptação constante da cidade genérica tem originado situações que de outra maneira seriam impossíveis e que têm ajudado a reformular o modo de encarar a cidade.

Metápole

*Os espaços produzidos pelas dinâmicas urbanas contemporâneas não são, ou não são simplesmente, aglomerações ou áreas metropolitanas, conurbações, regiões urbanas, bacias de residência, bacias de emprego, bacias de vida, distritos, cidades-regiões, ou até megalópoles ou cidades “globais”. Isto porque, de certa forma, as metrópoles não são apenas territórios, são também modos de vida e modos de produção. A complexidade destes novos espaços urbanos torna, por isso, difíceis tanto a sua definição geográfica e estatística, como a sua representação.*¹⁰

Descontente com os conceitos existentes por alegadamente nenhum deles reflectir correcta ou totalmente as características das novas dinâmicas urbanas e de todas as actividades que lhes estão associadas, em 1995, François Ascher desenvolveu uma nova definição que, segundo o mesmo, respondia às novas necessidades da cidade e que conseguia representar de um modo mais dinâmico, e acima de tudo genérico, o que a cidade representa: a Metápole.

*Uma metápole é o conjunto de espaços em que a totalidade ou parte dos habitantes, das actividades económicas, ou dos territórios, está integrada no funcionamento quotidiano (ordinário) de uma metrópole. Uma metápole constitui geralmente uma única bacia de emprego, de residência e de actividades, e os espaços que a compõem são profundamente heterogéneos e não necessariamente contíguos. Uma metápole compreende, pelo menos, algumas centenas de milhares de habitantes.*¹¹

As metápoles formam-se a partir de metrópoles e congregam novos espaços, sendo uma das suas principais características a heterogeneidade. Contrariamente ao esquema *Christalleriano* que entendia uma distribuição espacial hierárquica das

¹⁰ Ascher, F. (1998). *Metapolis: acerca do futuro da cidade*. (Á. Domingues, Trad.). Oeiras: Celta Editora. p.16

¹¹ ibidem

idades, funcionam em rede, a uma escala internacional, como defende também Saskia Sassen, onde os conjuntos urbanos secundários estão ligados apenas ao conjunto urbano principal mais próximo e é apenas esse que estabelece relações com outros conjuntos principais. *O desenvolvimento de novas civilizações urbanas ou de formas de urbanização sempre esteve relacionado com progressos: nas técnicas da comunicação, da escrita à telemática, passando pelo papiro, o papel, a imprensa, a televisão, a fotografia, o telefone, a rádio e a televisão; nas técnicas de conservação e de acumulação, quer se trate de víveres (as técnicas agrícolas e agro-alimentares desempenharam um papel-chave na urbanização), de informações (do papel e do papiro, ao CD-ROM), ou de riquezas (desde as primeiras pedras que serviram como moedas, ao dinheiro electrónico); progressos, finalmente, nas técnicas de transporte, desde a domesticação dos camelos e dos cavalos ao avião, passando pela roda, pelo leme, etc.*¹² O autor aponta o desenvolvimento dos transportes rápidos como um dos motivos para esta mudança no esquema de funcionamento das cidades. O “efeito de túnel” produzido pela deslocação de TGV, ou avião, elimina qualquer tipo de acontecimento durante a viagem, o que leva a uma conseqüente perda de importância das hierarquias urbanas secundárias. Ainda assim o autor não encara as conseqüências desta evolução como negativas, por outro lado, refere-se a elas como geradoras de novas aglomerações. É importante referir que François Ascher não olha para as redes de transporte e comunicação como as causadoras da situação urbana característica das metrópoles. Estas apenas são técnicas, como outras que foram existindo, das quais a sociedade dispõe e é o uso que a sociedade faz delas que dita a evolução e o impacto das mesmas na cidade.

Concluindo, o efeito túnel, e os conseqüentes espaços mortos entre o início e o fim da viagem, geram um grande desequilíbrio entre diferentes partes da mesma metrópole. Estas expansões desnecessárias referidas por François Ascher são também um dos impulsionadores ao debate da contração.

¹² ibidem. p.20

Shrinking Cities

*Durante anos, muitos planos de desenvolvimento urbano foram produzidos (...) no entanto nenhum deles surtiu efeitos relevantes. Uma razão: todos se basearam em modelos que visam o crescimento.*¹³

Shrinking Cities foi um projecto desenvolvido maioritariamente entre 2002 e 2008 pela *Federal Cultural Foundation* Alemã, dirigido por Philipp Oswalt (Berlim) em colaboração com a *Leipzig Gallery Of Contemporary Art*, a *Bauhauss Dessau Foundation* e a revista *archplus*. O projecto *Shrinking Cities* tinha como principal objectivo expandir o debate alemão sobre o planeamento da cidade - até então focado nas questões da demolição de habitações excedentes e no melhoramento de quarteirões residenciais - e direccioná-lo para novas questões e perspectivas. O projecto colocou os desenvolvimentos da Alemanha oriental no panorama internacional, envolvendo diversas áreas artísticas, de design e de pesquisa na procura de estratégias de acção.¹⁴

Apesar de ser ainda uma teoria em construção, desde que surgiu o projecto alemão em 2002, o tema da contração tem vindo progressivamente a destacar-se e a ganhar posição na discussão sobre cidade. Desde então, redes como a *Shrinking Cities International Research Network* (SCiRN, fundada em 2004)¹⁵, a *SHRINK SMART* (fundada em 2005)¹⁶, e a *Cities Regrowing Smaller* (CIRES, fundada em 2009)¹⁷, têm vindo a formar-se para aprofundar e divulgar o tema internacionalmente. As cidades em contração situam-se maioritariamente nos países industrializados ocidentais, principalmente nos EUA (59), Grã-Bretanha (27), Alemanha (26), Itália (23), e cada vez mais nos antigos países do Pacto de Varsóvia, como a Rússia (13), Ucrânia (22), e Cazaquistão (13). Houve também um número acima da média das cidades na África do Sul (17) e Japão (12)¹⁸. A contração é um fenómeno em expansão mundial, com

13 Oswalt, P. (2008). *Shrinking Cities. In Shrinking Cities Complete Works 3: Japan*. Berlim: Project Office Philipp Oswalt. Acedido em http://www.shrinkingcities.com/fileadmin/shrink/downloads/pdfs/CWJapan_Kapitel1.pdf p.11

14 www.shrinkingcities.com

15 www.shrinkingcities.org

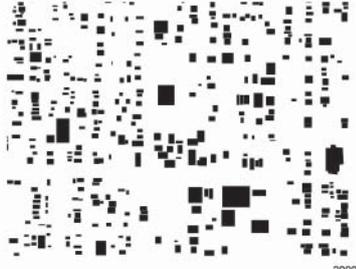
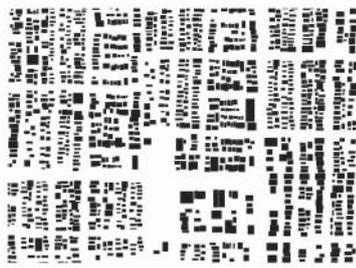
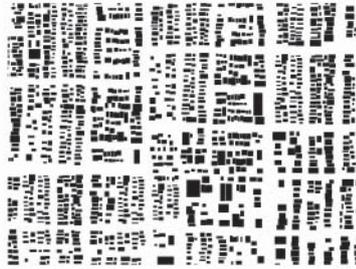
16 www.shrinksmart.eu

17 www.shrinkingcities.eu

18 Sousa, S. Á. de. (2010). *Planning for shrinking cities in Portugal* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Acedido em <http://hdl.handle.net/10216/59821> p.3



Inner City (scale 1:25 000)



3. Detroit

o número de cidades a aumentar cada vez mais rápido. No entanto, até 2010, não existiam estudos significativos em relação à contração em Portugal,¹⁹ e apesar de o estudo efectuado por Sílvia Ávila de Sousa nesse mesmo ano indicar que Coimbra (cidade onde me centrarei no terceiro capítulo) não é considerada uma cidade em contração,²⁰ é pertinente começar também a olhar para as nossas cidades adoptando as perspectivas estudadas nestas redes internacionais, que têm provado ser cada vez mais actuais, e que fornecem assim o contexto ideal para o debate dos espaços gerados pelas obras inacabadas, as ruínas genéricas. Deste modo, o tema da cidade em contração será fundamental no desenvolvimento deste trabalho.

Como referi no início do capítulo, em tempos, a expansão deu origem a choques fundamentais que mudaram a sociedade. O Modernismo alterou profundamente o modo de vida das pessoas. Agora é a vez da Contração. Este choque fundamental leva necessariamente à alteração de modelos e paradigmas, e é exactamente nessa mudança essencial que se foca o projecto *Shrinking Cities*. É uma chamada de atenção para a necessidade de reflexão e reavaliação cultural. Não podemos continuar a pensar a cidade com base nos ideais Modernistas da cidade harmoniosa, equilibrada económica e socialmente, sem contradições. O fenómeno da contração urbana baseia-se em vários processos de transformação e a as suas causas principais são a suburbanização, desindustrialização, contração demográfica e mudanças pós-socialistas. Como exemplo destes quatro fenómenos, os investigadores elegeram seis cidades mundiais: Detroit, Manchester/Liverpool, Ivanovo e Halle/Leipzig.²¹

Suburbanização: Detroit

Perca de população: -51% (1950 - 2004)

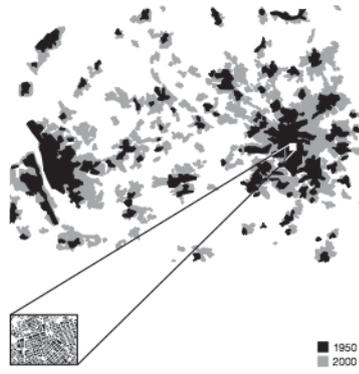
(...)Detroit foi a primeira cidade a ter uma rua alcatroada e uma auto-estrada urbana. Tornou-se num símbolo do crescimento económico sem precedentes. Durante a década

¹⁹ ibidem p.5

²⁰ ibidem p.103

²¹ Oswalt, P. (2008). *Shrinking Cities. In Shrinking Cities Complete Works 3: Japan*. Berlim: Project Office Philipp Oswalt. Acedido em http://www.shrinkingcities.com/fileadmin/shrink/downloads/pdfs/CWJapan_Kapitel1.pdf p.3

4. Hulme, Manchester



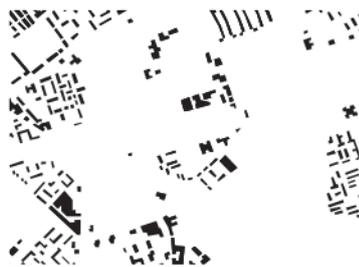
Hulme (scale 1:25 000)



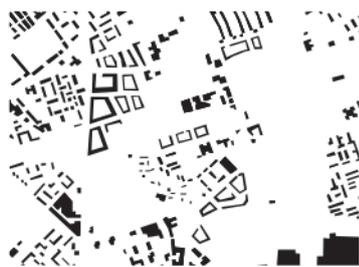
1950



1985



Buildings from 1985 that still existed in 2000



2000

de 1920 vários arranha-céus, estabelecimentos comerciais e cinemas foram construídos. Entre 1900 e 1950 a população passou de 285 700 para 1.85 milhões de habitantes. Depois de 1950, a boomtown foi uma pioneira do desenvolvimento do cinturão verde: o centro da cidade contraiu enquanto os subúrbios cresceram continuamente desde então. A suburbanização em Detroit foi causada parcialmente pelo aumento da mobilidade de uma sociedade adepta do automóvel, mas também por conflitos raciais. (...) Em 1998, 78% dos habitantes dos subúrbios eram “brancos” e 79% dos habitantes do centro da cidade eram afro-americanos. (...) Os Americanos encaram Detroit como um símbolo do falhanço da metrópole moderna: um terço da área urbana total foi abandonado. Entre 1978 e 1998, Detroit autorizou 108 000 demolições e apenas 9 000 edifícios novos ou conversões. (...) Nos locais onde se constroem conjuntos isolados de habitações unifamiliares com sistemas de segurança, os subúrbios invadem o interior da cidade. As tentativas de revitalizar a cidade através do planeamento surtiram pouco efeito para além da área central.

Desindustrialização: Manchester/Liverpool

Perca de população: -44,9% Manchester (1930-2002)

Perca de população: -48,5% Liverpool (1930-2002)

Manchester e Liverpool ficam no noroeste de Inglaterra, apenas a 56 Km de distância. No início do século XIX, as duas cidades resumiram o início da industrialização. Manchester é considerada a primeira cidade industrial do mundo. Apesar de o primeiro comboio de passageiros do Reino Unido ter ligado as duas cidades e o canal aquático entre elas ter sido construído em 1855, foram sempre cidades rivais. Manchester destacou-se como um centro do comércio mundial, enquanto as docas de Liverpool asseguravam o papel da cidade enquanto centro logístico das fábricas têxteis da região. O desaparecimento da indústria têxtil regional depois de 1950 ditou um declínio dramático para as duas cidades. O sector dos transportes foi também gravemente atingido pela revolução nos transportes em contentores. Em 1930, Manchester tinha cerca de 766 000 habitantes e Liverpool 857 000. Hoje em dia o número de habitantes é apenas metade. (...) Nos anos 80 a situação mudou significativamente. (...) Ambas as

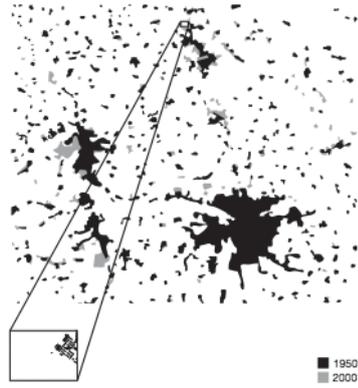
idades tiveram êxito na revitalização dos seus centros. Esta transformação notável foi desencadeada pela cena musical e pelas comunidades gays e imigrantes que surgiram nas zonas parcialmente abandonadas e transformaram as cidades em centros culturais reconhecidos internacionalmente. A administração das cidades rapidamente percebeu o potencial de uma mudança de imagem e apostou em parcerias público-privadas em vez dos planos convencionais, democraticamente controlados. (...) A revitalização do centro das cidades é acompanhada por uma constante crise nas zonas envolventes, ainda marcadas pelo desemprego, pobreza e habitação desocupada. É uma região polarizada: sucesso e falhanço são realidades paralelas.

Pós-socialismo: Ivanovo

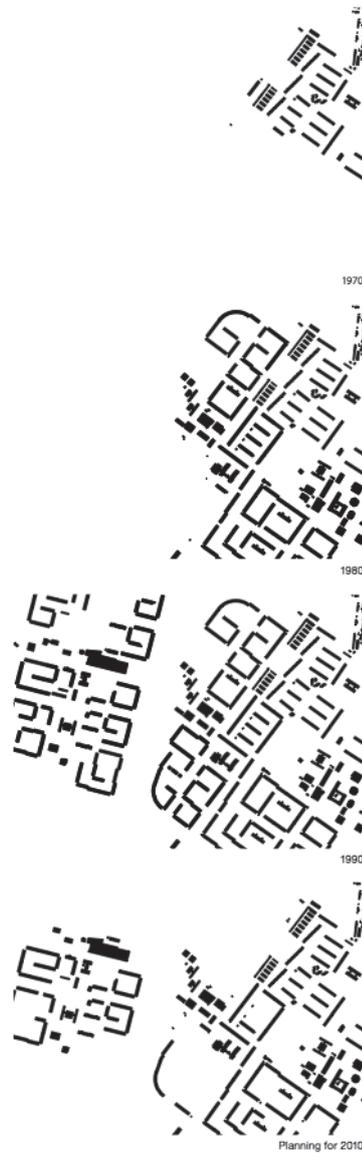
Perca de população: -6,8% (1990-2002)

Ivanovo fica 300 Km a nordeste de Moscovo, tem 447 100 habitantes e é a capital da região homónima, que tem 1.1 milhões de habitantes. Em meados do século XIX, a região desenvolveu-se no seio da indústria têxtil russa. (...) A construção de muitos edifícios construtivistas no fim dos anos 20 é mais um reflexo da sua importância em tempos. Em contraste com cidades da Europa ocidental, Ivanovo conseguiu também preservar construções urbanas típicas ao longo do século XX. (...) Desde meados dos anos 50, habitação pré-fabricada em grande escala como a que se pode encontrar por toda a antiga União Soviética foi construída. (...) O desaparecimento da União Soviética mergulhou a cidade numa crise económica sem precedentes. (...) Tanto a taxa de natalidade como a esperança média de vida desceram drasticamente. São principalmente os mais jovens, e os mais instruídos que deixam Ivanovo em busca de emprego. Ainda assim, apesar da drástica situação económica, a diminuição da população manteve-se moderada porque a mobilidade é limitada. Além disso, como já havia falta de habitação, também não existem espaços desocupados. (...) Como muitos habitantes se viram obrigados a usar os seus quintais ou fazendas como meio de sustento, a vida urbana retrocedeu para um ritmo mais rural, baseado nos ciclos agrícolas. Práticas pré-modernas e pós-industriais deram assim lugar a novos estilos de vida.

5. Wolfen, Halle/Leipzig



Wolfen (scale 1:25 000)



Periferização: Halle/Leipzig

Perca de população: -25,4% Halle (1989-2003)

Perca de população: -17,6% Leipzig (1989-2003)

A região central alemã em torno de Halle e Leipzig é caracterizada pelas minas de lignite e pela indústria química há mais de 150 anos. 40 Km separam as duas cidades. Halle tem 240 077 habitantes e desde o século XIX tem progredido principalmente na indústria. Leipzig tem 496 532 habitantes e é maioritariamente um centro de comércio onde se realizam as maiores feiras. Para as pessoas da antiga República Democrática Alemã, a reunificação em 1990 veio acompanhada de uma transformação brutal. (...) Hoje em dia a economia da Alemanha oriental não atinge os patamares da taxa de crescimento médio da União Europeia. O rasto deixado pela desindustrialização em Halle e Leipzig está espelhado numa taxa de desemprego de 20%. (...) Actualmente Halle conta com menos 80 000 habitantes que em 1989 e Leipzig à volta de 93 000. Ao passo que na primeira metade de 1990, o desemprego elevado e a migração para a Alemanha ocidental ou estrangeiro eram os responsáveis por este desenvolvimento, as razões principais na segunda metade da década foram a suburbanização e a descida em 50% da taxa de natalidade. Os abates especiais para investidores na Alemanha oriental, juntamente com os subsídios estatais para os proprietários de casas ocupadas, a proliferação de centros comerciais acompanhada da transferência de empresas para esses mesmos lugares, levaram a um boom de construção que engoliu vastas áreas de cinturão verde. Contração e crescimento são portanto dois lados da mesma moeda: a redução da densidade nas cidades é acompanhada pela dispersão urbana. A taxa de desocupação em Halle chega actualmente aos 20%.

Estas cidades demonstram as consequências da expansão desmedida e os cenários que surgem quando estas mesmas cidades não estão preparadas para se adaptar à contração, tendo mesmo a cidade de Detroit declarado banca rota durante a elaboração desta dissertação.²² Apesar do que possa sugerir inicialmente, o processo

22 Ferreira, V. (2013, Julho 18). Detroit declara bancarrota. PÚBLICO. Acedido em Julho 29, 2013, em <http://www.publico.pt/n1600663>

de contração também implica aumento, mas um aumento que se traduz em espaços e edifícios sobrantes, obsoletos. Um dos principais objectivos do projecto *Shrinking Cities* é alertar para o fim da época do crescimento. O período áureo do crescimento tão aclamado e explorado no Modernismo representa um curto intervalo de tempo quando enquadrado na história da humanidade, não chega a três séculos, e os sinais do seu fim têm-se vindo a agravar nas últimas décadas.²³

*Apesar de nas próximas décadas o crescimento urbano ainda ser uma realidade, o número de shrinking cities está a aumentar constantemente. Estima-se que entre 2070-2100, a população mundial atingirá o seu zénite e o processo de urbanização em grande parte chegará ao fim. Então, os processos de crescimento e 'contração' irão chegar a um equilíbrio e a contração urbana será um processo tão comum como era antes de a industrialização começar.*²⁴

Assim como Rem Koolhaas demonstrava no seu texto sobre a cidade genérica uma forte descrença no planeamento, também os autores que falam sobre a contração alertam para a ineficácia do mesmo, questionando essencialmente como pode o processo não planeado da contração ser qualificado. *Podem espaços e materiais inutilizados ser usados de maneira diferente? Existem práticas informais que podem ser encaradas como modelos positivos de intervenção? Como é que as crises de mentalidade e identidade influenciam o espaço urbano?*²⁵ O planeamento urbano tem-se demonstrado impotente, pois tem pouca influência nos fenómenos que enfrentamos actualmente: desindustrialização, alteração demográfica, suburbanização, etc. Não se tornará obsoleto, porém, tem que ser reformulado para ser capaz de responder à especificidade actual de cada local. Os responsáveis pelo projecto *Shrinking Cities* avançam com uma proposta para um novo tipo de planeamento, o *weak planning*. *Este weak planning irá usar principalmente soft tools já que na maioria dos casos o desenvolvimento cultural, os meios de comunicação e a emergência de redes sociais influenciam muito mais o desenvolvimento urbano que a própria construção.*²⁶

23 Oswalt, P. (2008). *Shrinking Cities*. In *Shrinking Cities Complete Works 3: Japan*. Berlin: Project Office Philipp Oswalt. Acedido em http://www.shrinkingcities.com/fileadmin/shrink/downloads/pdfs/CWJapan_Kapitel1.pdf p.3

24 *ibidem*

25 *ibidem* p.10

26 Oswalt, P. (2005). *Index of Contents and Introduction*. In *Shrinking Cities (Vol. 1, International Research)*. Germany: Hatje Cantz Verlag. Acedido em http://www.shrinkingcities.com/fileadmin/shrink/downloads/pdfs/SC_Band_1_eng.pdf p.16

Os responsáveis pelo projecto Shrinking Cities estabeleceram quatro campos de acção para intervir na cidade de acordo com as quais acreditam que o processo de contração pode ser qualificado. O primeiro, “Desconstruindo”, examina o modo como o processo de contração urbana pode ser moldado e as características positivas que se poderão retirar do que ainda resta. O segundo, “Reavaliando”, explora o tradicional, o abandonado, procurando novos usos e maneiras de apropriação. O terceiro, “Reorganizando”, explora o campo da organização social, procurando novos processos, estruturas e programas que permitam novas oportunidades de desenvolvimento. O quarto, “Imaginando”, encara a acção urbana através da perspectiva da imaginação e tem em vista os processos mentais da memória comunicativa, a criação de identidade e a produção do desejo. Os quatro campos de acção são ainda decompostos em conceitos urbanos que demonstram, de forma clara, o que pode significar intervir de acordo com cada uma das quatro premissas. São conceitos *que compreendem a complexidade da realidade urbana apenas em parte, o que os torna inevitavelmente incompletos. Eles descrevem modelos conceptuais que são a base de qualquer acção urbana. Deste modo as premissas ideológicas ficam explícitas, e por sua vez, negociáveis*²⁷. O campo de acção que se revelou mais pertinente para o estudo das ruínas genéricas foi o da reavaliação (o que não significa, no entanto, que qualquer um dos outros não se possa adequar também), razão pela qual enunciarei de seguida os conceitos que lhe dizem respeito, desenvolvidos pelos autores:

Cidade temporária

O excesso de espaço livre abre novas possibilidades. A falta de alternativas para redefinir estes locais a longo-prazo é substituída por actividades efémeras a cargo de entidades com pequenos capitais para investir. São testados novos usos, formas de cooperação e interacção social, e explorados novos significados culturais para o espaço em causa. Nem todos os espaços vazios vão encontrar entidades interessadas em investir, e estas acções repentinas têm uma duração limitada, ainda assim, transformam-se algumas vezes em sementes que originam desenvolvimentos a longo prazo.

²⁷ ibidem p.11

Cidade Pioneira

Muitas pessoas estão a abandonar as cidades e regiões em contração; para outras, este fenómeno abre novas perspectivas de vida. Pioneiros do espaço - empreendedores, produtores culturais, estudantes que largaram os estudos, etc - estão a mudar-se para áreas em contração à procura de novas vidas, e trazem com eles grande motivação e vontade de investir. O espaço barato e inutilizado em edifícios e cenários interessantes oferecem oportunidades para estilos de vida alternativos. Nas cidades maiores, têm-se reunido esforços para tornar essas práticas alternativas numa maneira de ocupar os espaços vazios.

Cidade reinterpretada

Edifícios e materiais inutilizados adquirem novas funções através da reinterpretação e reorganização, o que ajuda a poupar recursos. Através da reforma do material existente a transformação social é assimilada culturalmente. A tensão entre a situação existente e a desejada tem resultados positivos. Esta tensão, além de dar origem a novas tipologias, programas e ligações, revela também qualidades inesperadas da expansão aparentemente obsoleta dos grandes conjuntos habitacionais do pós-guerra.

Conclusão, depois de analisar estes quatro conceitos diferentes, que caracterizam de um modo geral o modo como vem evoluindo a discussão sobre cidade nas últimas duas décadas, é possível identificar diferenças e semelhanças.

A globalidade que Saskia Sassen reclama vem sendo uma constante desde o início da década de 90, momento em que publica a sua teoria. A popularização da internet no início da mesma década despoletou uma troca constante de informação, a nível mundial, que mudou completamente o valor que é atribuído à localização física. Também no ambiente doméstico, mas principalmente no mercado económico, tudo passou a funcionar *on-line*, reformulando por completo o conceito de sede empresarial, e alterando completamente a noção de tempo no que diz respeito às transações, dois elementos essenciais para a cidade. Esta globalidade e expansão

desenfreada trouxeram consigo uma mudança constante, processada a uma velocidade incontrolável. A cidade como a conhecíamos antigamente deixou de existir e começa a surgir a necessidade de perceber qual o caminho que está a tomar. François Ascher desenvolveu o seu conceito, a Metápole, uma derivação por aglutinação das metrópoles. Uma tentativa de definir a cidade para além da sua globalidade. Por outro lado, e complementando o ponto de vista científico de Saskia Sassen e François Ascher, mas com uma perspectiva mais crítica e irónica, Rem Koolhaas desenvolveu o conceito de Cidade Genérica, uma cidade que, devido à velocidade estonteante a que se deu a evolução dos novos meios de comunicação, perdeu a sua identidade e começou a surgir apenas por adição. Uma cidade sem história. Mais do que criticar, Koolhaas questionou o valor desta cidade genérica enquanto perspectiva futura, e levou-nos a encarar alguma desta espontaneidade como característica positiva, e essencial para o bom funcionamento da cidade.

No início do novo milénio as consequências do genérico, da aglutinação, da globalidade, começaram a tornar-se cada vez mais evidentes. O processo de expansão começou a fraquejar e o projecto *Shrinking Cities* vem desafiar à criação de novas maneiras de pensar a cidade, esquecendo a expansão que até então nos fascinou, e começando a considerar a contração. Este ponto de vista não é exclusivo do projecto *Shrinking Cities*, e começou também a ser partilhado por outros autores em publicações que datam do mesmo ano, como é o exemplo de Ignasi de Solà-Morales, que afirma que *a intervenção na cidade existente, nos espaços residuais, nos seus interstícios moldados já não pode ser confortável nem eficaz como defende o modelo eficiente da tradição iluminista do movimento moderno.*²⁸ Em todos os quatro conceitos analisados anteriormente a evolução é clara. No entanto, há duas premissas que se começam a formular desde o início dos anos 90 e que hoje permanecem, com especial evidência nos textos que falam sobre a contração: a falta de crença no planeamento e a percepção da cidade como um ambiente imprevisível, que não pode ser definido, fruto do tempo e de tudo o que nela decorre. É então essencial considerar estas duas premissas no caso específico das ruínas genéricas, ou em qualquer outra

28 Solà-Morales, Ignasi de. (2002). *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA. p.192

intervenção que se faça na cidade contemporânea.

O processo de contração urbana surge neste trabalho como resumo do que foi sendo discutido ao longo dos conceitos de Cidade Global, Cidade Genérica e Metápole, e principalmente, como retrato do panorama urbano actual. A necessidade actual de procurar novas ideias nos espaços que a cidade nos oferece, e de repensar/reavaliar a cidade e os métodos de planeamento, levaram-me a enquadrar o estudo das construções inacabadas no trabalho desenvolvido pelo projecto *Shrinking Cities*. A apresentação do conceito Ruína Genérica vem no sentido de propor mais uma alternativa, onde se poderá explorar não só os conceitos de cidade temporária, cidade pioneira e cidade reinterpretada, mas também todos os outros conceitos que têm estado a ser desenvolvidos em torno da contração, para dar resposta aos fenómenos da suburbanização, desindustrialização, pós-socialismo e periferização.

capítulo 2

RUÍNAS GENÉRICAS

Extensas vias de tráfego, redes de telecomunicações, redes sem-fios, aglomerados empresariais, filiais internacionais, todos eles se têm vindo a caracterizar por deixarem um rasto de aparente desordem na cidade para o qual a arquitectura tem vindo a tentar encontrar respostas. Perante este panorama, a percepção da cidade como um ambiente imprevisível, que referi no capítulo anterior, é essencial, pois é essa imprevisibilidade que dá origem a fenómenos como a construção ilegal e a instabilidade económica, os principais responsáveis pelo abandono de obras e pelo seu consequente estado inacabado. *Costumava-se dizer que as únicas coisas certas na vida são a morte e os impostos. Actualmente, no início do século XXI, é um dado adquirido que entre essas certezas está também a mudança rápida e imprevisível.*¹

Como defendem Rem Koolhaas e os responsáveis do projecto Shrinking cities, o planeamento tem sido incapaz de lidar com a velocidade e mutação imprevisíveis da cidade, gerando-se assim um ambiente propício à construção descontrolada, cujo destino muda de um dia para o outro sem aviso prévio.

¹ Alfredo Brillembourg, Hubert Klumpner, Urban-Think Tank Chair of Architecture and Urban Design, & ETH Zürich (Eds.). (2013). *Torre David: Informal Vertical Communities*. Germany: Lars Müller Publishers. p.334



6. *Schiavo detto Atlante*, Michelangelo,
1525-1530

Esta mudança constante leva a que muitas vezes os agentes responsáveis pela criação de cidade (entenda-se que os agentes responsáveis somos todos nós) sejam confrontados com situações inesperadas que inviabilizam parcial ou totalmente as suas intenções. Por exemplo, os promotores imobiliários ou até mesmo os proprietários privados, estão diariamente sujeitos a flutuações económicas e outras casualidades diárias que podem acabar com todas as expectativas existentes para uma construção ou empreendimento no qual investiram, acabando muitas vezes por abandonar as suas ideias e o que resta da construção. Por outro lado, e reforçando o carácter imprevisível da cidade, são também recorrentes as situações em que estes agentes responsáveis, dominados pela economia e pelo crescimento acelerado da cidade, desrespeitam os seus elementos reguladores e não cumprem os procedimentos prévios necessários à construção, levando muitas vezes avante ideias que ainda não foram legalizadas. Nesta situação é também provável que as construções sejam igualmente paradas, não por falta de verbas, mas por desrespeito das regras.

Todas estas situações acima enunciadas dão origem a espaços estranhos à cidade, residuais, que surgem involuntariamente. Estranhos, estes locais despertam geralmente em quem os observa sensações ou sentimentos adversos que nenhum outro espaço urbano consegue despertar. Focando-me nestes produtos do processo inevitável de fazer cidade, proponho uma atenção mais detalhada nas construções inacabadas que daí resultam.

O inacabado

Antes de partir para a análise de casos concretos, foi essencial perceber o motivo pelo qual estes espaços inacabados despertam estas sensações estranhas e ao mesmo estimulantes. A discussão artística em volta do estado inacabado surge na época do renascimento. Michelangelo foi o responsável por introduzir o inacabado não apenas como um estado, mas também como uma estética, dando origem ao termo *non finito* para descrever algumas das suas obras, como o *Schiavo detto Atlante*. O estado inacabado das obras era visto como uma representação da magnitude das



7. *Palazzo del Te*, Giulio Romano. Entrada

8. Templo da Filosofia Moderna, René de Girardin



capacidades do artista, que nunca poderiam ser expressas na sua totalidade. Apesar de Michelangelo ter introduzido esta discussão na sua época, apenas no início do século XIX o estado inacabado começou a ser realmente explorado como técnica de escultura e desenho para representar as ideias modernas de sugestividade, ambiguidade e subjectividade.² O fim, o estado acabado, representava uma superficialidade aprisionada em convenções académicas, sem expressão individual. O inacabado demonstrava a procura pelo saber e o processo que ocorria entre a ideia e a concepção final, o processo intelectual.

No panorama arquitectónico o inacabado desempenhou um papel bem mais complexo, visto que por definição, qualquer edifício tem que estar concluído para ser utilizado. O Palazzo del Te (1526-31) de Giulio Romano é um bom exemplo das primeiras explorações do inacabado na arquitectura e do modo como viria a ser encarado na arquitectura moderna. Na entrada para o pátio central, ao usar deliberadamente colunas em estado bruto, inacabadas, para suportar um tecto desenhado ao pormenor, o arquitecto faz uma crítica bastante clara ao ornamento, à superficialidade da arquitectura clássica³ e a todo o processo de ornamentação inerente à finalização. Na segunda metade do século XVIII, quando Laugier avança com o desenho do que seria o abrigo primário, desenho que deixa bem explícito a influência que esse mesmo abrigo teve na arquitectura clássica, a distinção entre construção e ornamento passa a ser ainda mais evidente. *Ao mesmo tempo, a relação entre finalização e decoração ficou mais explícita e problemática, à medida que o interesse pela ruína - esses “fragmentos” do mundo antigo, como lhes chamava Schlegel - começava a despertar a imaginação dos arquitectos e o estudo arqueológico. A ruína representa uma parte do que existiu em tempos, os restos de um passado sujeitos à acção da natureza e do tempo. As superfícies desgastadas da ruína apresentam um aspecto de incompletude que apenas a reconstrução arqueológica pode reverter. Nesta perspectiva teórica, então, a ruína é o dobro do inacabado. Ambos fornecem uma base semelhante ao funcionamento do imaginário e ambos, representados na mente como fragmentos, partilham o mesmo estatuto ontológico.*⁴ Um exemplo da relação entre o

2 Levine, N. (2009). *Modern Architecture: representation and reality*. New Haven and London: Yale University Press. p.246

3 ibidem

4 ibidem p.248



9. John Soane, Banco de Inglaterra, 1788-1833.
Perspectiva aérea em corte, por Joseph Gandy, 1830
10. Viollet-le-Duc. Análise da estrutura dos
banhos romanos, elaborado para a *Ecole Centrale
d'Architecture*, 1867. Perspectiva aérea em corte

inacabado e a ruína na arquitectura é o Templo da Filosofia Moderna, obra de finais do século XVIII de René de Girardin. O edifício, que aparenta estar a ruir, foi na verdade desenhado para permanecer inacabado. É uma materialização do fascínio pela indeterminação e pela ruína. Este tipo de indeterminação arquitectónica foi também bastante explorado nas representações gráficas de Joseph Gandy e Viollet-le-Duc, no entanto com finalidades distintas.

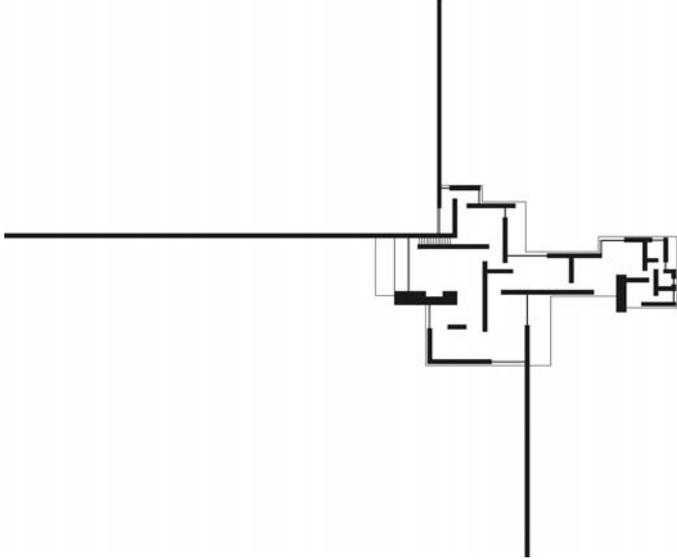
Depois de um olhar mais atento na aguarela que Joseph Gandy pintou do Banco de Inglaterra de John Soane em 1830, percebemos que o que parecia um edifício em ruína é na verdade um edifício em construção. Com a sua obra, Gandy tenta demonstrar que o edifício apenas é arquitectura quando está completo, com todo o trabalho de ornamentação concluído, usando assim o inacabado com uma conotação negativa, para elogiar o ornamento e as ordens clássicas. Por outro lado, Viollet-le-Duc faz uso da mesma técnica mas para criticar negativamente o acabado através do inacabado. No seu desenho de um banho romano o ornamento aparece em contraste com a construção pura do edifício, mais uma vez, o fim aparece como algo superficial. *O inacabado serve assim como uma crítica ao acabado e torna-se um modelo de como o arquitecto contemporâneo poderá efectuar a tarefa de repensar o passado.*⁵

*Nos edifícios do movimento moderno produzidos entre as duas grandes guerras mundiais, a ideia de acabado foi reconceptualizada em função dos materiais industriais modernos e métodos de construção. O acabado deixou de implicar a elaboração e disfarce da estrutura subjacente através da adição de molduras, frisos, colunas, cornijas e outros elementos análogos. Foi antes redefinido de acordo com os termos abstractos da precisão do detalhe, clareza da superfície natural e pureza das formas geométricas. Isto não tinha nada que ver com a noção tradicional de acabado, de facto pode até ser interpretado como o oposto. Paralelamente, mais aspectos positivos do inacabado foram trazendo novas direcções a alguns campos do design, como aconteceu em outras artes.*⁶

Os edifícios de Mies van der Rohe e Le Corbusier são exemplares exímios desta reconceptualização do inacabado: a *Brick Country House* desafia completamente

5 ibidem p.250

6 ibidem p.253



11. *Brick Country House*, Mies
van der Rohe, 1923

12. *Unité d'Habitation*, Le
Corbusier, 1947-53



o conceito de limite e abertura, como se o edifício não tivesse fim e continuasse pelo terreno fora, indefinidamente. A *Unité d'Habitation* em Marselha representa uma estética inacabada, que faz uso dos materiais em bruto, sem acabamento, sem finalização.

Deste modo é possível perceber que o inacabado, desde há muito tempo, está presente na discussão arquitectónica, e tem sido um elemento fundamental na procura de novos caminhos e ideias. É com esta percepção do inacabado, como um impulsionador do processo de pensar a arquitectura para além dos campos convencionais e como símbolo da procura incessante por novos significados, livres de preconceito, que proponho que se encarem as ruínas genéricas. Como afirma Ignasi de Solà-Morales, *o entusiasmo por estes espaços vazios, expectantes, imprecisos, flutuantes é, no código urbano, a resposta à nossa estranheza perante o mundo, a nossa cidade e nós mesmos.*⁷

Ruínas Genéricas

ruína, *s. f.* acto ou efeito de ruir; resto; destroço; destruição; *fig.* decadência; degradação; perda de crédito; *pl.* planta herbácea, delgada, com corola personada provida de esporão, pertencente à fam. das Escrofulariáceas, e que aparece nos buracos ou fendas dos muros e rochedos do Norte e do centro de Portugal, onde está naturalizada. (Lat. *ruīna*).⁸

Um edifício é constituído por várias partes, idealizadas de modo a constituírem um todo. Este todo é suportado por uma base/estrutura, que reúne todas as partes e permite que a ideia funcione. Quando se constrói um edifício, a primeira parte a construir é a estrutura, que permitirá depois a agregação de todas as outras partes, formando a ideia final. Quando por algum motivo não se conclui a construção de uma obra, o que permanece do até então construído é a base/

⁷ Solà-Morales, Ignasi de. (2002). *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA. p.191

⁸ definição retirada do Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora

estrutura. Com mais ou menos desenvolvimento em obra, a estrutura deixa de ser o esqueleto de uma ideia previamente pensada e assume assim o papel principal. A materialização incompleta da arquitectura resulta num objecto que passa a delimitar involuntariamente espaço sem uma função específica na cidade, residual, expectante. Estes espaços, independentemente do seu propósito inicial, acabam por vir a pertencer à cidade, estando completamente a descoberto e permeáveis à vida urbana em seu redor, apesar de legalmente continuar a existir um proprietário. Existe, no entanto, uma barreira mais forte e condicionante que qualquer eventual vedação. A ruína involuntariamente gerada pela arquitectura, conferindo um carácter diferente a estes locais, mantém sempre presente a dicotomia entre público/privado, e leva a que a maioria dos cidadãos tenha receio de fazer seja o que for do espaço em causa. A base edificada do que foi em tempos uma ideia, passa a estar a descoberto e disponível para as mais diversas ocupações, funcionando como apoio para novas ideias e manifestações da diversidade característica da cidade. Estes espaços são as ruínas genéricas, esqueletos que foram originados pela paragem de uma construção, e que, desde então, não conhecem qualquer tipo de utilização.

Desde o primeiro momento em que me propus a redigir este trabalho, senti a necessidade de atribuir um nome aos locais em causa. Não pela necessidade de os tipificar, mas antes por representarem um papel na cidade, até então menosprezado, que deve ser reconhecido. A sua condição de resto, de degradação, trouxeram imediatamente o termo ruína. A princípio pareceu-me que ruína contemporânea, fazendo uma distinção entre o que é uma ruína histórica e o que são estas ruínas que surgem nas cidades de hoje, sem grande história para contar, seria o ideal. Contudo, acreditando que as ruínas em causa se distinguem de outras, também contemporâneas, pela sua falta de história, de identidade, e pela associação imediata que estabeleci entre estes lugares e o conceito de cidade genérica desenvolvido por Koolhaas, cheguei à definição final de ruínas genéricas. Genéricas, porque vão aparecendo nas cidades sem regras ou aviso prévio, porque geram espaços indeterminados sem função específica, porque representam algo diferente para cada um dos seus observadores.

Ruína é também o nome vulgar dado a uma planta, cujo nome científico é *Cymbalaria muralis*. É uma planta que se desenvolve geralmente em muros e fendas

13. *Cymbalaria Muralis*



de rochedos e com um período de floração entre Março e Outubro. Tal como a *Cymbalaria muralis* rompe com muros ou rochedos consolidados, as ruínas genéricas vão rompendo pelas cidades, no entanto com uma diferença: ainda não *floriram*.

O fascínio para com estes lugares deve-se principalmente à sua capacidade de representar uma memória bastante presente e marcante de algo que nunca chegou a existir. São ruínas da contemporaneidade que estando estáticas, nos lembram que a cidade está em constante movimento, que espelham directamente o funcionamento de todos os agentes responsáveis pela cidade: o tempo, a economia, o público, o privado, as autoridades, os cidadãos. Estes são espaços que nos confrontam com o passado e nos fazem imaginar o futuro, são ao mesmo tempo *theatre of prophecy* e *theatre of memory*, duas características que Colin Rowe e Fred Koetter defendem como essências na arquitectura e na cidade.⁹

A arquitectura surge assim como criador involuntário de espaços redundantes, e partindo disto, há uma questão que me parece importantíssima colocar: Como pode a arquitectura devolver o valor a estes espaços que involuntariamente ajudou a criar?

*A identidade deriva da substância física, do histórico, do contexto e do real.*¹⁰ Quanto mais poderosa for a identidade, mais nos aprisiona, mais resiste à expansão, à interpretação, à renovação, à contradição.¹¹ Após a leitura do texto de Koolhaas, identifiquei na cidade que descreve, a **falta de identidade e de preconceito** como as características mais relevantes para a elaboração deste trabalho. São duas características perigosas e que levam o autor a referir-se a esta cidade com uma certa ironia, mas são também as responsáveis pela riqueza da cidade genérica e o que a distingue da cidade histórica.

Fazendo um paralelo entre o conceito de cidade/ruína histórica e cidade/ruína genérica: a ruína histórica tem uma identidade muito forte, remete-nos para o seu tempo de criação e leva-nos a imaginar histórias ou cenários que se passaram em tempos naquele local, estabelece uma relação com o passado. A ruína histórica desde sempre vem sendo alvo de preconceito no que diz respeito à intervenção, à

⁹ Rowe, C., & Koetter, F. (1983). *Collage City* (1ª ed.). The MIT Press. p.49

¹⁰ Koolhaas, R. (2010). *Três textos sobre a cidade*. Barcelona: Gustavo Gili. p.31

¹¹ ibidem p.32



14. Torre David, Caracas

categorização e à reutilização. A ruína genérica não tem histórico (excepto a fase de construção) e o contexto é também na maioria das vezes irrelevante, visto que nunca, ou quase nunca, estabelece relações com o contexto em que se insere. A sua identidade deriva assim, e apenas, do objecto construído e de uma realidade tão duradoura quanto o processo de construção do mesmo. A ruína genérica é ambígua, informal, indeterminada. É um objecto criado involuntariamente pela arquitectura e pela cidade, que espelha o presente, ao contrário da ruína histórica, que é um objecto que resta da arquitectura, criado pelo tempo e que advém da relação romântica do homem com o passado.

A pertinência de transpor a falta de identidade e preconceito da cidade genérica, para a ruína genérica, é facilmente demonstrada em algumas situações onde a ocupação destes locais é uma realidade. Um bom exemplo é a Torre David, construída com a finalidade de ser uma torre de escritórios, actualmente serve de abrigo para 3000 pessoas que construíram uma comunidade informal no esqueleto, abandonado devido à paragem da construção, contendo não só habitação mas também todo o tipo de funções necessários à rotina diária. Assim sendo, defendo que a **falta de identidade** é a característica mais importante da ruína genérica, pois é o que permite que a sua reavaliação seja feita **sem preconceito**. É então nesta falta de identidade que a arquitectura deve concentrar as suas atenções para ser capaz de devolver o valor a estes espaços.

Falando da cidade genérica e de um dos seus elementos característicos - o aeroporto - Koolhaas afirma que *existem aeroportos de dois tamanhos: demasiado grandes e demasiado pequenos. Contudo, o seu tamanho não tem influência no seu desempenho. Isto sugere que o aspecto mais intrigante de todas as infra-estruturas é a sua elasticidade essencial.*¹² Mais uma vez, vale a pena fazer um paralelo entre cidade genérica e ruína genérica. Imprevisíveis também na sua área, tanto nos deparamos com ruínas genéricas de pequenas habitações unifamiliares ou de grandes complexos empresariais e, apesar da diferença de escala, a **elasticidade** é uma característica comum às duas (e se a elasticidade é uma das características essenciais das infra-estruturas,

¹² ibidem p.41



15. Szkielet, Cracovia

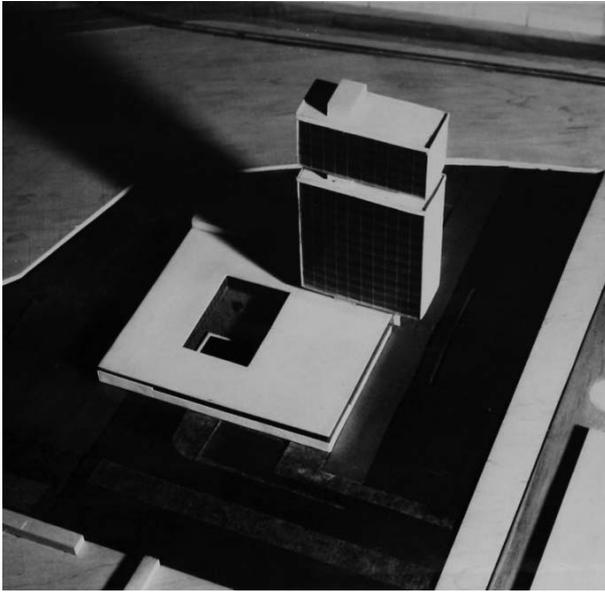
porque não transformar certas ruínas genéricas em infra-estruturas necessárias ao contexto em que se inserem?). O que interessa aqui realçar é o forte carácter de **adaptabilidade** destes espaços, confirmado pela multiplicidade do tipo de reacções que suscitam. Indeterminados e vazios desde o início, estes locais representam uma visão muito própria de cada cidadão que está familiarizado com ele. Adquirem uma importância na imagem urbana que varia de ruína para ruína, devido à sua falta de identidade. Também como a cidade genérica, uma ruína genérica *é uma placa de Petri, ou um quadro preto infinitamente paciente no qual quase qualquer hipótese pode ser «demonstrada» e logo apagada, para nunca mais ecoar nas mentes dos seus autores ou do seu público.*¹³ A sua generalidade permite uma elasticidade tanto a nível físico, falando no tipo de intervenção que é efectuado, como a nível temporal, podendo ser uma intervenção periódica ou permanente.

Se até agora me refiro apenas a panoramas positivos, é preciso realçar que tenho também a noção de que em certas ocasiões tal pode ser impossível. Em casos de extrema degradação pode não ser possível aproveitar a ruína de uma forma segura ou sem ter que fazer investimentos que não compensem a sua reutilização (o que não impede no entanto que o espaço que ela ocupa seja alvo de reavaliação). Em certos casos pode também a ruína estar sujeita a grandes complicações legais, o que poderá afastar o interesse de eventuais investidores ou até proibir qualquer tipo de intervenção no local sem autorização. As situações legais em que estas ruínas genéricas se encontram nem sempre são as mais propícias a qualquer tipo de intervenção, no entanto, isso nem sempre impede que se consiga arranjar uma nova função para as mesmas, como é o caso do *Szkieletor*: construído para ser uma torre empresarial, é neste momento um marco na paisagem urbana onde se afixam grandes painéis publicitários. Apesar de não ser a solução idílica, confere um papel a esta ruína genérica no dia-a-dia de Cracóvia.

As características enunciadas até agora permitem responder a duas questões importantes, e essenciais, que estes espaços levantam:

Porque não demolir simplesmente estas ruínas genéricas?

¹³ ibidem p.49



16. *NOT Tower*, Projecto vencedor do concurso

17. *NOT Tower*, depois das alterações a pedido das autoridades comunistas. Projecto que deu origem ao *Szkieletor*

A contração urbana tem demonstrado que as cidades se expandiram excessivamente, estando actualmente repletas de espaços residuais e obsoletos. As estratégias adoptadas nas cidades em contração e as ocupações de ruínas genéricas que se conhecem até à data, têm vindo a demonstrar que se estes espaços forem encarados de uma maneira diferente da que assistimos até agora, sem preconceito, podem ser uma ferramenta útil e impulsionadora na procura de novas estratégias urbanas, adequadas às necessidades actuais.

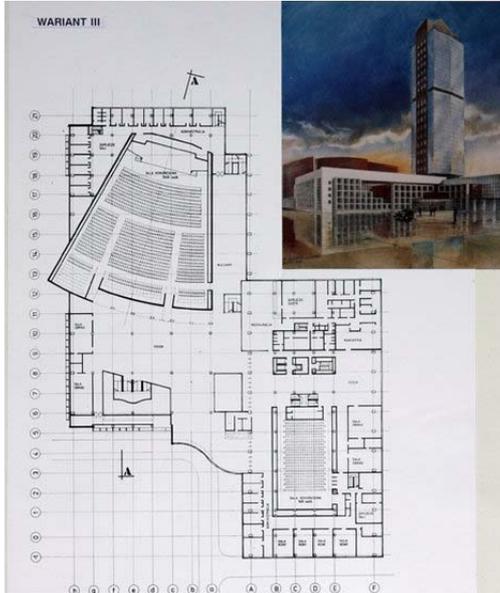
A ruína genérica é apenas um dos diferentes tipos de espaços residuais que compõem uma vasta lista, e a razão pela qual a escolhi destacar foi a sua característica principal: a falta de identidade. Esta característica é um elemento chave no papel que estes espaços desempenham na procura de novas estratégias urbanas, razão pela qual se justifica ponderar a sua demolição.

Porque não concluí-las de acordo com o projecto original?

A construção excessiva não originou apenas espaço residual, originou espaço residual que muitas vezes foi construído desnecessariamente, fruto de grandes esquemas económicos ou outras situações que nem sempre são transparentes no dia-a-dia da cidade. Em conjunto com este facto, é também importante ter em consideração o tempo como um dos principais agentes responsáveis pelo desenvolvimento da cidade, e nunca esquecer que o que fazia sentido há 10 anos (e este intervalo está a diminuir tendencialmente), pode já não fazer sentido hoje.

Assim sendo, é essencial questionar os elementos que a cidade nos fornece, e a ruína genérica não é excepção. A par do que referi anteriormente neste trabalho, a reavaliação é uma atitude essencial para intervir na cidade contemporânea, e a pertinência do projecto que originalmente deu origem a estes esqueletos, deve sempre ser questionada.

De modo a demonstrar todas as características que venho enunciando até agora, irei apresentar três casos de Ruínas Genéricas que foram ocupadas, e se encontram actualmente em utilização.



18. Projecto para Centro de congressos da
Ciência e da Tecnologia

19. Projecto para hotel de 5 estrelas da cadeia *Hilton*

20. Projecto para unidade hoteleira da
empresa parisiense SAE



Szkieletor, Cracóvia, Polónia

A *NOT Tower* é desde início o retrato do falhanço das grandes ambições. Quando em 1969 o projecto desenvolvido por Krzysztof Leśnodorski e Zdzisław Arct ganhou o concurso, foi imediatamente alvo de alterações por parte das autoridades comunistas, por alegadamente não ser tão grandioso quanto desejavam. Dessas alterações resultou o projecto que começou a ser construído em 1975. Com 92,6m de altura e 24 andares, o projecto foi desenvolvido para ser a o escritório local da *Naczelna Organizacja Techniczna – Main Technical Organisation (NOT)*, iria ser a *NOT Tower*. É o edifício mais alto de Cracóvia e fazia parte de um grande plano urbano para a cidade. Em conjunto com a *NOT Tower* estava prevista a construção de uma torre idêntica, e as duas marcariam a porta de entrada para a *Manhattan Polaca*, um sinal da modernização da cidade ambicionado pelas autoridades comunistas da altura.

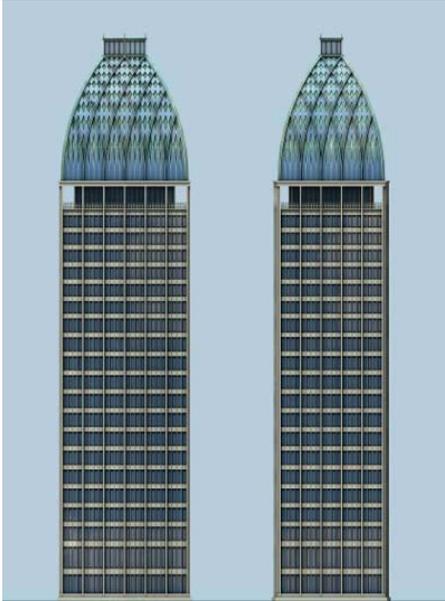
A construção começou em 1975 mas foi suspensa em 1979. A crise económica, as agitações políticas e a imposição da lei marcial ¹⁴ na Polónia levaram à sua paragem definitiva em 1981. Devido à semelhança com um esqueleto, o edifício inacabado foi apelidado de *Szkieletor*, nome do vilão da série *He-Man and the Masters of the Universe*, popular na Polónia nos anos 80. ¹⁵ Desde 1990 o *Szkieletor* já passou pelas mãos de vários proprietários, uns com a intenção de completar e comercializar o edifício, outros com o objectivo de o demolir e aproveitar de raiz o lote com uma localização privilegiada no centro da cidade. Desde 2002 o esqueleto de betão tem servido de suporte para gigantes painéis publicitários - uma solução que no entanto não convenceu totalmente os habitantes de Cracóvia. ¹⁶

Esta ruína, que se encontra parada há mais de 30 anos, tem sido no entanto alvo de várias tentativas de reavaliação urbana, e curiosamente, a maior parte dos projectos que foram desenvolvidos posteriormente à paragem da construção da torre, são da autoria do arquitecto que desenhou o projecto original. Foi possível encontrar

¹⁴ Chama-se lei marcial o sistema de leis que tem efeito quando uma autoridade militar toma o controlo da administração ordinária da justiça (normalmente de todo o Estado). Geralmente implica a suspensão total ou parcial das liberdades fundamentais do cidadão, principalmente o de se manifestar livremente. fonte:http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_marcial

¹⁵ Szkieletor. (2013, Julho 14). In *Wikipedia, the Free Encyclopedia*. Acedido em <http://en.wikipedia.org/wiki/Szkieletor>

¹⁶ Zawada, G. (2012, Janeiro 6). Szkieletor Tower Undefeated. *Krakow Post*. Acedido em <http://www.krakowpost.com/article/2655>



21. Projecto para a *TreiMorfa Tower*
22. Projecto para a sede da *Telefonica*
23. Projecto da firma DDJM, que recupera a ideia de criar uma *Manhattan Polaca*



informação sobre os seguintes:

Em 1989, projecto para um Centro de congressos da Ciência e da Tecnologia, desenvolvido por Krzysztof Leśnodorski, Witold Gilewicz e Andrew Kłosakiem. Não se realizou devido aos elevados custos de construção;

Em 1991, projecto encomendado pela empresa Parisiense SAE para uma unidade hoteleira, desenvolvido por Krzysztof Leśnodorski e Witold Gilewicz. O projecto foi aprovado e acordado entre os investidores, porém na altura da construção o contrato não foi concluído por motivos desconhecidos;

Em 2001, projecto para um Hotel de 5 estrelas da cadeia *Hilton*, desenvolvido por Krzysztof Leśnodorski. Abandonado por razões desconhecidas;

Em 2003, projecto para a sede da empresa *Telefonica*, desenvolvido por Krzysztof Leśnodorski e Witold Gilewicz. Abandonado por razões desconhecidas;

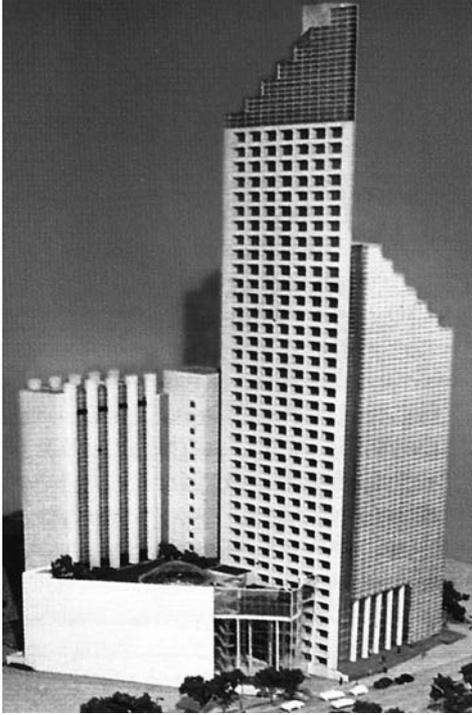
Em 2009, projecto encomendado pelos novos e actuais proprietários do local, o grupo *TreiMorfa*, desenvolvido pelo arquitecto alemão Hans Kollhoff.¹⁷ Uma torre multifuncional, a *TreiMorfa Tower*, devia ter sido construída até 2012, a tempo do campeonato europeu de futebol. A polémica em torno do aumento da altura da torre não permitiu que, mais uma vez, o projecto passasse do papel;

Em 2010, o grupo *TreiMorfa* volta à ideia de criar a *Manhattan Polaca*. Agora a cargo da firma de arquitectura DDJM é desenvolvido um projecto que propõe novas funções para o *Szkieletor* e para a área envolvente.¹⁸ O projecto chegou a ter todas as autorizações necessárias, mas irregularidades descobertas no processo voltaram a suspender o futuro do local.

Posto isto, e relembando as premissas do projecto *Shrinking Cities*, verificamos que nas últimas décadas o planeamento baseado nas crenças do crescimento não tem sido o maior impulsionador do desenvolvimento, pelo contrário, tem sido um dos principais responsáveis pela estagnação. A imprevisibilidade da economia, das grandes parcerias corporativas e do comportamento social não permitiram que nenhuma das soluções encontradas para o *Szkieletor*, boas ou más, fossem concretizadas, ditando o seu abandono.

¹⁷ Spysz, A. (2009, Fevereiro 1). Rising Out of the Ruins. *Krakow Post*. Acedido em <http://www.krakowpost.com/article/1231>

¹⁸ Barnett, B. (2010, Julho 7). Krakow's "New Manhattan" Takes Shape. *Krakow Post*. Acedido em <http://www.krakowpost.com/article/2198>



24. Maquete original do *Centro Financiero Confinanzas*, 1992
25. Planta da ocupação actual
26. Torre David, 2011

A solução que permanece, o grande painel publicitário, apesar de não ser a solução perfeita aos olhos dos habitantes da cidade, conseguiu tirar proveito da principal característica que tornava esta ruína um componente activo na rotina diária de Cracóvia há mais de 30 anos: a imagem, a presença no skyline da cidade. Esta solução, temporária, está longe de resolver todas as problemáticas que estes locais levantam para a cidade, mas vem provar que não é preciso muito (*weak planning*) para os integrar.

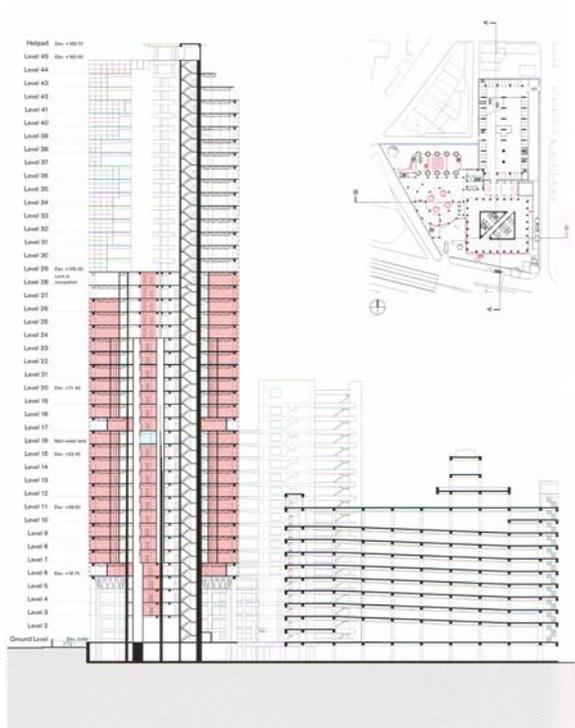
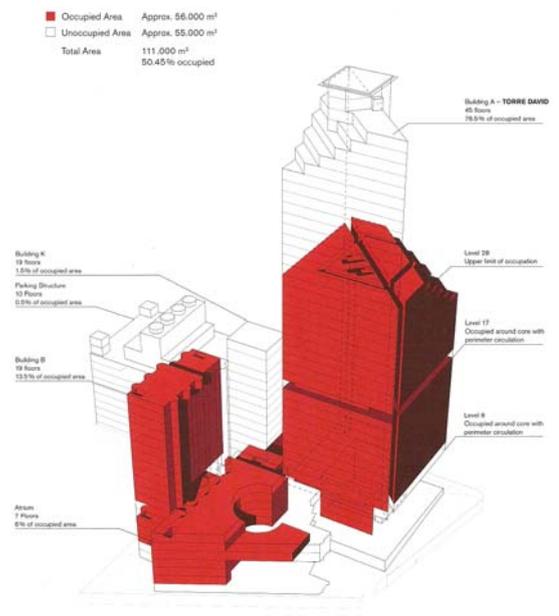
Torre David, Caracas, Venezuela

*Os actuais residentes da Torre David agarraram a oportunidade de se apropriarem de uma estrutura existente, originalmente concebida para outro propósito, e estão a usá-la como resposta à sua necessidade urgente de habitação, adaptando-a gradualmente aos padrões mínimos habitacionais. No decorrer desta experiência a comunidade de habitantes tornou-se cada vez mais estável, criando formas autónomas de organização que reforçam a sua identidade e solidariedade. O problema da legalidade continua por resolver, mas a solidariedade da comunidade e o seu crescente reconhecimento indicam que as suas expectativas em relação a uma aceitação a longo prazo podem não ser inteiramente infundadas.*¹⁹

A actual Torre David, começada a construir em Janeiro de 1990, era inicialmente o *Centro Financiero Confinanzas*, um arranha céus no centro do distrito financeiro de Caracas. Foi um dos projectos construídos com a ambição de criar uma Caracas global. Mais uma vez um projecto de grandes ambições, com uma localização privilegiada, o *Centro Financiero Confinanzas* foi projectado para se destacar como um símbolo do luxo e da prosperidade, o maior complexo arranha-céus privado da América do Sul.

David Brillembourg, o responsável pelo projecto, previa que nos próximos

19 Alfredo Brillembourg, Hubert Klumpner, Urban-Think Tank Chair of Architecture and Urban Design, & ETH Zürich (Eds.). (2013). *Torre David: Informal Vertical Communities*. Germany: Lars Müller Publishers. p.35



- 27. Área ocupada
- 28. Corte longitudinal

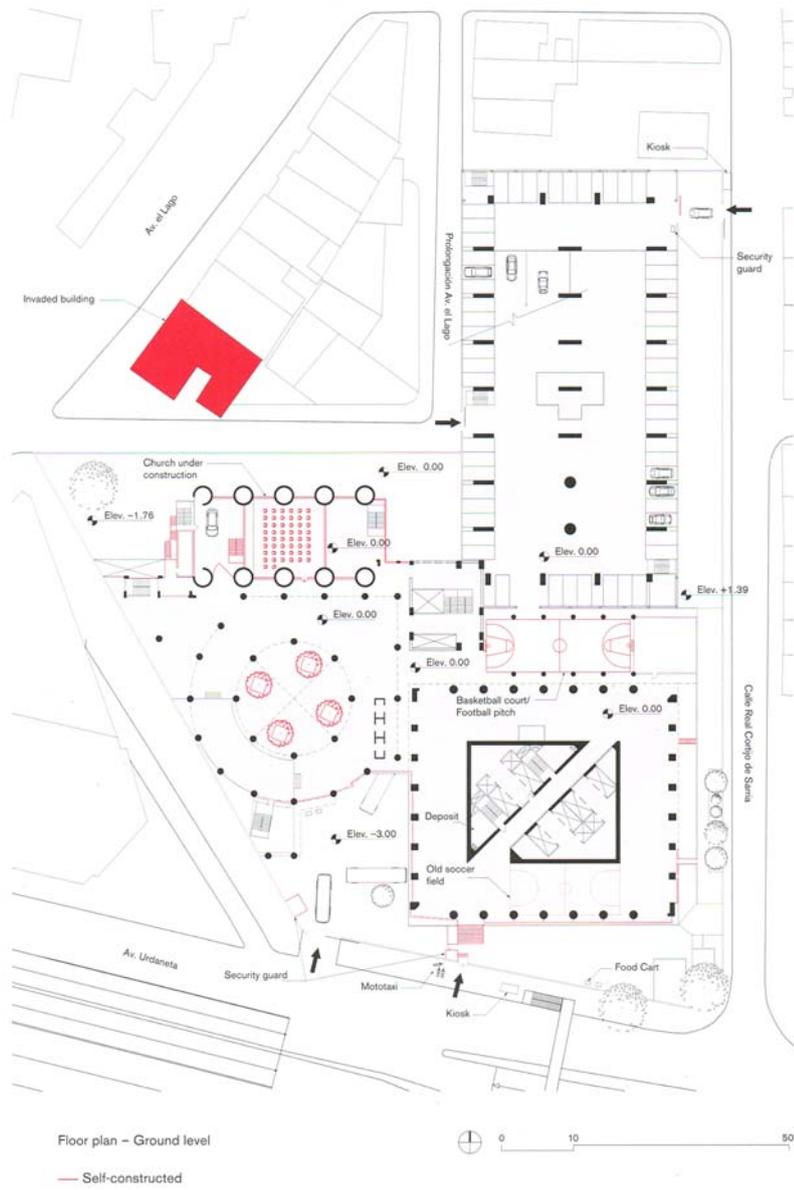
quatro, cinco anos a oferta de escritórios não seria suficiente face ao crescimento económico da cidade, propondo assim um espaço que oferecesse escritórios e alojamento de luxo numa das áreas imobiliárias mais privilegiadas da cidade. O complexo era composto por 5 blocos: o Edifício A (actual Torre David), com 45 andares e coroado por um *helipad*, tinha hotel, espaço de escritórios para o *Confianzas Group* e para o *Banco Metropolitano de Crédito Urbano*, e um piso isolado hermeticamente para segurança dos trabalhadores. O Edifício B, com 16 andares, tinha suítes para os empresários e uma piscina acessível aos utentes do hotel através de uma ponte que fazia a conexão com o Edifício A. O Edifício K, com 19 andares, continha 6 elevadores encarregues da circulação vertical. Os outros dois blocos correspondiam à estrutura de estacionamento (com 10 andares) e ao átrio de entrada (com 30m de altura).

A morte de David Brillembourg em 1993, e o colapso do grupo que financiava a obra em 1994 devido à crise financeira na Venezuela, ditaram a paragem da construção e a apreensão dos bens do grupo de Brillembourg pelo *FOGADE (Fondo de Garantia de Depósitos e Protección Bancaria)*. Em 2001 o complexo foi levado a leilão, avaliado em 60 milhões de dólares, no entanto sem nenhum comprador. Desde a paragem da construção, o complexo foi sendo alvo de invasões periódicas e saques ao material abandonado, para ser vendido por habitantes locais.

Em Dezembro de 1998 Hugo Chávez assumiu o controlo do governo venezuelano. Um defensor do povo assumido desde o início, Chávez lança uma nova constituição, apenas dois meses após a sua tomada de posse, onde deixa bem claro que *todas as personas têm direito a habitação adequada, segura, confortável, higiénica, com os serviços básicos essenciais que incluam um habitat que humanize as relações familiares, comunitárias e de vizinhança*.²⁰ Incentivando o povo à apropriação de terrenos privados inutilizados desde o início do seu mandato, em 2001 estabelece a *Ley de Tierras*, que abriu caminho para a redistribuição de terras pelos mais necessitados, complementada, em 2002, por um decreto que permitia a atribuição de títulos de propriedade sobre o terreno a pessoas que ocupassem um local há mais

20 *ibidem* p.94

29. Planta do piso térreo com intervenções posteriores à ocupação



de 10 anos, ou de qualquer terreno que fosse propriedade do governo a pessoas necessitadas. Em Agosto de 2009 é aprovada em assembleia nacional a *Ley de Tierras Urbanas* que declara que o terreno urbano inutilizado passa a ser público e a estar ao dispor da população.²¹ Mais recentemente, em Dezembro de 2011, a justiça decidiu não penalizar indivíduos que ocupassem terras agrícolas.²²

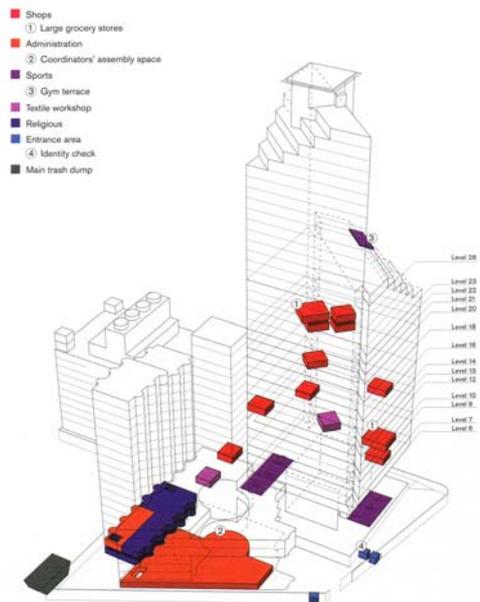
Todas estas leis e regras que foram sendo estabelecidas geraram um grande caos na gestão de terrenos públicos e privados, dando legitimidade praticamente a qualquer pessoa para se apropriar de um terreno ou espaço inutilizado e, acima de tudo, gerou uma grande polémica no que diz respeito ao controlo que o governo passou a ter sobre praticamente todos os terrenos. Hugo Chávez foi acusado de se ter aproveitado da crise social que atravessava o país para mascarar a sua principal intenção de controlar todas as terras nacionais.

É neste contexto que no dia 17 de Setembro de 2007 surge a Torre David. Na sequência de uma chuva torrencial, um grupo de pessoas encontrou no edifício A do complexo Confinanzas o abrigo perfeito para a chuva. O facto de ser um local abrigado da chuva e com uma localização privilegiada para as pessoas com emprego no centro da cidade, ajudou a espalhar a palavra rapidamente e os habitantes de favelas das redondezas começaram a chegar em massa à Torre David, estimando-se que em 2009 albergasse já 200 famílias.

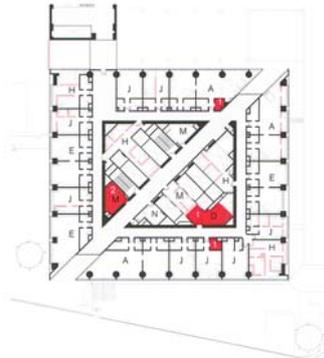
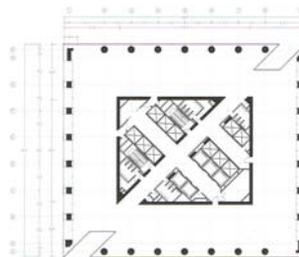
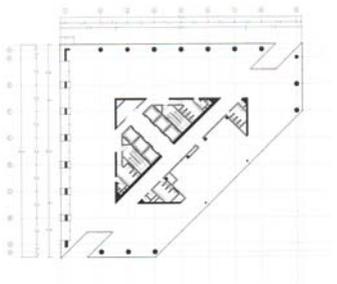
Numa incerteza constante, a comunidade vem crescendo exponencialmente desde o dia em que os primeiros habitantes chegaram à Torre David, albergando actualmente um total de 750 famílias e mais de 3000 pessoas. Apesar da sua génese informal, e natural ilegalidade, os habitantes da torre conseguiram criar uma comunidade incrivelmente organizada e auto-suficiente. O que começou por ser uma simples ocupação com tendas, conta hoje com uma associação de moradores, rede de distribuição de água e electricidade. O Edifício A é onde habitam a maior parte dos utilizadores e onde se encontram maioritariamente os serviços sociais (desde mercearias a cabeleireiros). O Edifício B, actualmente com 19 andares, alberga uma igreja e um número crescente de novos residentes, fruto do crescimento diário da

21 ibidem p.96

22 ibidem p.97



- 30. Distribuição programática no complexo
- 31. Estado dos pisos antes e depois da ocupação



comunidade. O Edifício K é usado principalmente como meio de conexão entre os dois edifícios principais A e B (entre os pisos 6 e 17). A estrutura de estacionamento, para além da sua função original, serve como rampa de acesso informal ao edifício principal, através de aberturas que os moradores clandestinamente criaram derrubando algumas paredes, visto que originalmente não havia acesso directo entre o estacionamento e o resto dos edifícios, por questões de segurança. Os moradores criaram uma rede interna de transporte por motorizadas e outros veículos que ajuda as pessoas mais carregadas, ou com dificuldades motoras, a chegarem aos pisos mais elevados. O átrio principal, no qual começam já também a aparecer alguns apartamentos, é onde a associação de moradores se reúne frequentemente.

A inexistência de meios de transporte vertical, para além das escadas e da rede criada pelos moradores, levou o líder da comunidade a limitar a ocupação do complexo até ao 28º andar, por questões de segurança.

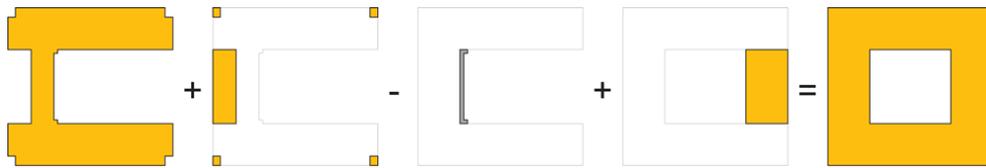
A Torre David é um bom exemplo no que diz respeito ao funcionamento interno e à maneira exemplar como os seus habitantes conseguiram reavaliar o espaço que encontraram e moldá-lo às suas necessidades. É também um bom exemplo tendo em conta o contexto social em que se encontra. A falta de habitação para a quantidade de habitantes na Venezuela é um facto, e a Torre David entra aqui como uma demonstração prática de uma solução que valoriza a versatilidade das ruínas genéricas e reavalia os espaços da cidade, adaptando-os às necessidades da população. No entanto, a informalidade e ilegalidade juntas ao facto de Caracas ser uma das cidades mundiais com o maior índice de criminalidade tornaram este espaço num ambiente completamente segregado da cidade. Apesar da sua grande presença na paisagem urbana, o limite é fortemente evidenciado pelos muros e portões controlados em turnos pelos habitantes.

Vakko Fashion Center, Istambul, Turquia

O *Vakko Fashion Center* é um exemplo especial porque não aproveita apenas a ruína de um hotel que não foi acabado. Neste caso, o atelier responsável, REX,



- 32. Pré-existência
- 33. Esquema conceptual do aproveitamento da pré-existência
- 34. *Vakko Fashion Center*

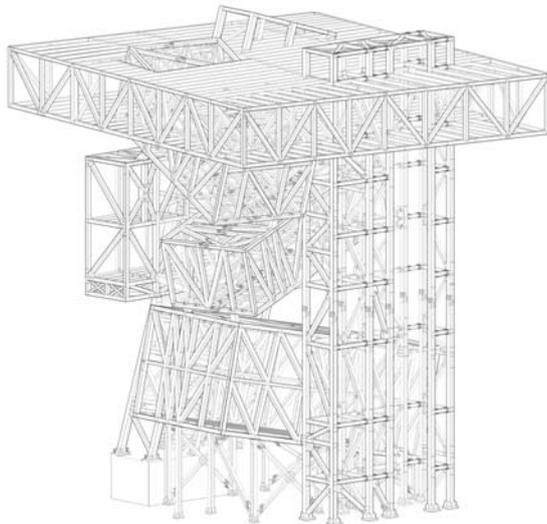
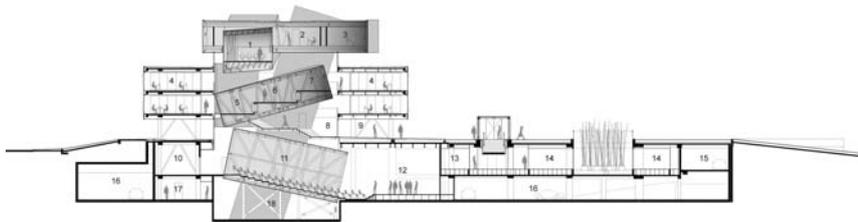
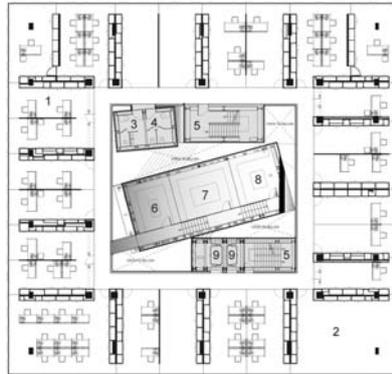
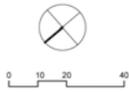


aproveita também para a construção do projecto, elementos de outro projecto da sua autoria que foi cancelado.

O projecto para o *Annenberg Center for Information Science and Technology* encomendado pelo *California Institute of Technology* foi cancelado em Dezembro de 2006 quando o seu administrador mudou, mais um exemplo de como a imprevisibilidade da cidade pode ser um dos principais responsáveis pelas ruínas genéricas. Dois meses depois os *REX* foram contactados pelo dirigente da *Vakko* (uma companhia de moda turca) e da *Power Media* (o equivalente à *MTV* na Turquia) propondo que desenvolvessem um projecto para a sede da empresa, reaproveitando a estrutura abandonada de um hotel cuja construção não tinha sido concluída. O projecto teria que ser desenvolvido e construído até ao final do ano, condição que só foi possível aceitar devido ao facto de a estrutura existente do hotel ter dimensões, altura entre pisos e esquema de funcionamento em anel semelhantes ao projecto que havia sido cancelado, dois meses antes, para o *Annenberg Center*. Esta coincidência permitiu que, através da adaptação dos documentos de obra produzidos para o projecto anterior, a construção começasse apenas quatro dias após o primeiro contacto entre o atelier e a empresa, sendo os restantes aspectos do projecto desenvolvidos enquanto decorriam as obras na estrutura pré-existente.

No projecto do *Annenberg Center* a estrutura metálica central era o principal elemento estrutural do projecto que suportava o anel de betão envolvente. Por outro lado, no *Vakko Fashion Center* a estrutura pré-existente do hotel era extremamente robusta devido aos sismos recorrentes na Turquia. Esta condição foi essencial no conceito do projecto, sendo o núcleo metálico central estruturalmente independente da estrutura pré-existente de betão, o que permitia também uma flexibilidade extra no desenvolvimento do projecto ao mesmo tempo que a construção era efectuada. À estrutura existente, em “U”, foi acrescentada uma parte transformando-a num anel fechado, que dá então a ilusão final de dois edifícios independentes, estruturalmente, parecerem apenas um.

O núcleo central contém então o auditório, salas de exposições, salas de reuniões, escritórios para a administração, instalações sanitárias e comunicações verticais. As caixas metálicas que o constituem foram desenvolvidas de maneira



- 35. Planta 1º Piso
- 36. Corte longitudinal
- 37. Esquema estrutural do novo edificado,
independente da estrutura pré-existente

a permitirem um número infinito de conjugações sem comprometer a função estrutural, permitindo assim que a sua distribuição fosse estudada durante o máximo de tempo possível enquanto decorria a construção. O piso superior do parque de estacionamento subterrâneo existente contém as instalações dos estúdios de televisão e rádio da *Power Media*. O anel envolvente de betão contém escritórios convencionais e salas de reuniões. O revestimento escolhido para a fachada da estrutura de betão pré-existente é propositadamente transparente e foi aplicada de maneira a que esta fizesse parte da imagem final do edifício, tanto no interior como no exterior.

Este é um exemplo que prova, contrariamente aos outros dois apresentados, que nesta situação os investimentos privados também podem ser uma boa solução, desde que haja uma predisposição de todas as partes envolvidas a aceitar as condições e a encarar a reavaliação como uma vantagem para o futuro do projecto. Aproveitando não só uma ruína genérica, como um projecto que havia sido cancelado, foi possível desenvolver um espaço que está integrado na cidade e que veio responder às necessidades de duas entidades privadas.

Apesar de estarmos perante uma intervenção com um carácter completamente diferente dos apresentados anteriormente, é possível verificar, ainda assim, uma valorização da estrutura pré-existente, que vai desde a estruturação do programa até à imagem exterior do edifício. Apesar de os dois projectos descritos anteriormente apresentarem também caracteres específicos depois da intervenção - o *squatting* na Torre David, ou a comunicação no *Szkieletor* - a operatividade e o formalismo desta intervenção realçam um eventual comprometimento da generalidade futura, aspecto que do ponto de vista desta dissertação desvaloriza o projecto. Ainda assim, o elemento introduzido posteriormente é completamente independente da estrutura pré-existente, e o programa albergado por esta não introduz alterações no seu desenho original, adaptando-se à sua configuração com elementos facilmente amovíveis sem comprometer a estrutura do edifício, possibilitando novas configurações futuras, caso seja necessário.

Intervir ou não intervir?

*A contração é uma forma de transformação urbana que ocorre radicalmente, sem qualquer alteração inicial no espaço físico em que ocorre. Isto questiona, por um lado, se a relação entre espaço e utilização deve ser repensada e/ou se as próprias ideias de espaço e utilização devem ser repensadas. Por outro lado, questiona se existem ou não outras formas de intervenção, para além dos moldes clássicos do desenvolvimento através da construção, que consigam influenciar o modo como uma cidade se desenvolve.*²³

O acto de intervir, de conceber um projecto ou de construir, seja uma cidade, uma casa ou outro equipamento qualquer, parte sempre de pressupostos estabelecidos à partida que irão condicionar o resultado final. Pode ser um terreno, um rio, um material ou uma preexistência, e nesse sentido, intervir numa ruína genérica não é novidade nenhuma, porque as condicionantes são elementos comuns a qualquer acção do campo da arquitectura. A especificidade está nas características destes espaços e nas possibilidades que representam para o panorama actual da contração e da necessidade de procurar novas estratégias para intervir na cidade. Assim sendo, esta pergunta vem no seguimento do facto de *a arquitectura e o planeamento urbano quando projectam o seu desejo perante um espaço vazio, um terrain vague, parece que não conseguem fazer outra coisa a não ser introduzir transformações radicais, trocando a alienação pela cidadania e pretendendo, a todo o custo, desfazer a magia incontaminada do obsoleto no realismo da eficácia.*²⁴

Então, mais importante do que encontrar um uso específico, o primeiro passo é resolver a articulação destes locais com a envolvente. Geralmente segregados e degradados devido à sua condição urbana, acabam por ser excluídos do uso diário da cidade. É essencial resolver assim a sua integração, porque como se tem observado nos últimos anos, a cidade trata do resto. Com isto não quero dizer que se deva ter uma atitude passiva perante estes espaços, pelo contrário, defendo que o arquitecto deve ter um papel activo no processo de transformação destas ruínas

²³ Oswalt, P. (2005). *Index of Contents and Introduction. In Shrinking Cities (Vol. 1, International Research)*. Germany: Hatje Cantz Verlag. Acedido em http://www.shrinkingcities.com/fileadmin/shrink/downloads/pdfs/SC_Band_1_eng.pdf p.16

²⁴ Solà-Morales, Ignasi de. (2002). *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA. p.191

em espaços que tirem partido da sua elasticidade para dar resposta às necessidades locais, participando activamente no quotidiano do local em que se inserem. Mas, usando estratégias mais ou menos *weak* - entenda-se informais, que não implicam necessariamente construção - defendo também que o arquitecto o deve fazer tendo sempre em conta a população afectada pela ruína em causa, promovendo debates públicos ou outros meios de participação social. As diferentes imagens que o espaço despertou em cada um dos cidadãos serão certamente uma mais valia ao debate e futuras propostas que possam surgir, e mais uma vez insisto para que o seu carácter genérico permaneça, dado que me parece ser essa a arma mais potente destes locais.

A situação “normal” é aquela em que a arquitectura constrói um objecto do qual a cidade fica posteriormente encarregue de fazer funcionar. Neste caso específico a situação inverte-se. É certo que, como já referi, a arquitectura não é alheia ao aparecimento destes espaços, mas neste caso o seu contributo é involuntário. É a cidade que se encarrega por levar estes espaços ao estado de ruína e por dar origem aos fenómenos responsáveis pela paragem da construção. Proporciona-se assim uma situação em que o responsável pela criação do objecto é a cidade.

Como podemos verificar em exemplos como a Torre David ou o Szkieletor, sempre que a responsabilidade de encontrar uma solução para estes espaços ficou exclusivamente ao encargo da cidade (sem intervenção arquitectónica), os resultados apresentam falhas cruciais, principalmente na sua integração urbana e na aceitação da população envolvente. Ainda por cima, *para o arquitecto formado que ganha a vida a desenhar edifícios, a noção de apropriar para viver é à partida um desvio indesejado do “caminho correcto”, porque não implica o processo intelectual de conceptualização e produção.*²⁵ Apesar de a apropriação e ocupação de espaços que surgem naturalmente - como por exemplo para habitação - ser uma escolha óbvia e económica²⁶, e nunca desconsiderando o verdadeiro valor destas soluções, que está na sua capacidade de confrontar a cidade com os seus próprios defeitos, apesar de conseguirem dar vida a um local que estava abandonado, é preciso também referir a precariedade com que o fazem.

²⁵ ibidem p.34

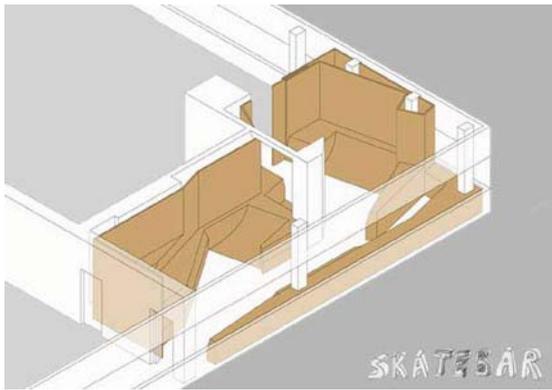
²⁶ ibidem

Sendo a arquitectura um dos principais agentes responsáveis pela cidade, tem que ser capaz de encontrar soluções para estas situações. Analisando por exemplo o projecto para o *Vakko Fashion Center*, à parte do ponto fraco (no âmbito deste trabalho) que enunciei mais atrás, é claro o modo como a arquitectura funcionou como elemento charneira entre a preexistência e a nova ideia, fazendo com que um espaço inutilizado da cidade passasse a fazer parte da mesma. No entanto, apesar de este ser um bom exemplo de como a arquitectura pode contribuir para a melhoria destes espaços, é também preciso salientar que a construção não é o único caminho. Depois de analisar os contextos em que surgiram os projectos apresentados, defendo, também, que a arquitectura deve ser capaz de responder às exigências da cidade através de estratégias alternativas, que partam dos elementos já existentes, e não da criação de novos. A arquitectura deve ser capaz de reavaliar, de olhar para a cidade sem preconceitos.

Algumas das práticas referidas no projecto *Shrinking Cities* levadas a cabo em cidades alemãs não são necessariamente intervenções em ruínas genéricas, mas são intervenções exemplares no que diz respeito à mentalidade com que o fazem, sem preconceito e reavaliando a cidade:

Um exemplo que não representa uma intervenção directamente relacionada com a prática arquitectónica, mas cuja pertinência da sua referência, está no modo como uma estratégia alternativa pode ajudar na reavaliação dos espaços residuais da cidade, é o esquema desenvolvido pela *HausHalten e.V.*²⁷, uma associação sem fins lucrativos, fundada em 2004, na cidade de Leipzig, para preservar o património arquitectónico da cidade. Esta associação promove um esquema chamado *Wächteräuser*, em português “guardião da casa”, que consiste em arranjar moradores para edifícios vazios na cidade, ajudando assim a proteger e a manter esses espaços. O esquema proposto por esta associação aparece como uma alternativa para os indivíduos que não encontram no mercado imobiliário convencional propostas que se adequem ao seu estilo de vida alternativo. Sendo assim, os donos dos edifícios inutilizados passam a conceder o espaço a estes utilizadores, que em troca apenas

²⁷ <http://www.haushalten.org/>



- 38. *Skatebar*
- 39. *Skatebar*
- 40. *Parkhaus Projects*



precisam de garantir a sua ocupação, prevenindo assim a eventual degradação ou actos de vandalismo. Os utilizadores são os responsáveis pela manutenção do espaço e ficam muitas vezes livres de pagar a renda, bem como para adaptar o espaço às suas necessidades/gostos. Os proprietários são os responsáveis por garantir os serviços mínimos como água, electricidade e aquecimento.

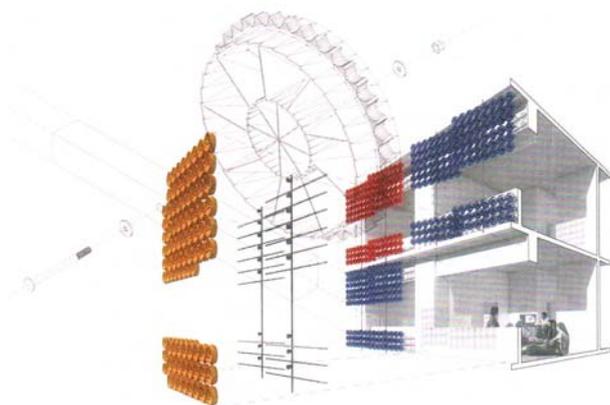
Outro exemplo é o projecto *Sportification*²⁸. Foi desenvolvido pelo atelier *complizen* e consistiu num conjunto de intervenções levadas a cabo em cidades alemãs, belgas e vienenses, entre 2002 e 2010. Foi uma tentativa de revitalizar espaço urbano através de desportos e outras actividades físicas que não fazem parte do panorama desportivo convencional alemão. Entre esse conjunto de intervenções encontra-se o *Skatebar* em Halle, um *skate park* construído dentro de um edifício com a ajuda de alguns elementos de madeira, que se adaptam à estrutura preexistente do espaço inutilizado. Para além de local para a prática desportiva funciona também como bar. Este é um óptimo exemplo de uma intervenção arquitectónica capaz de reavaliar um espaço sem qualquer tipo de preconceito, juntando um espaço e um programa que, à partida, seriam completamente incompatíveis. Para completar, a intervenção é feita valorizando a estrutura preexistente e de maneira a que, se em outro momento se justificar qualquer outro programa no contexto urbano em que o espaço está inserido, a transformação possa ser feita sem grandes problemas, voltando a estrutura do espaço vazio a estar disponível para receber novos programas.

Também numa cidade Alemã, Berlim, presente na exposição *Culture:City*,²⁹ surge o *Parkhaus Projects*. O artista Scott Chaseling transformou um silo de estacionamento automóvel, num espaço cultural gerido por artistas que funciona em conjunto com o estacionamento. Enquanto decorrem exposições ou outro tipo de actividades os utilizadores do parque podem continuar a utilizá-lo como espaço de estacionamento. As características arquitectónicas foram fundamentais para o funcionamento do edifício como uma plataforma multifuncional e geraram um espaço com diferentes valências, enriquecido pela presença de actividades de diversos caracteres.³⁰

28 <http://www.complizen.de/typo/seiten/buero/sportification/>

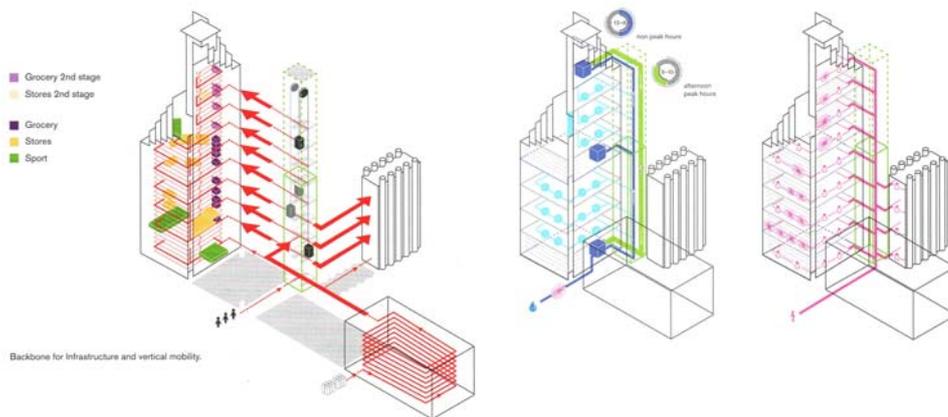
29 <http://www.adk.de/de/projekte/2013/kulturstadt/en/>

30 Wang, W., & Akademie der Künste, Berlin (Eds.). (2013). *Culture: City*. Berlin: Lars Müller Publishers. p.181



41. Ideia de intervenção na fachada principal e respectivo pormenor

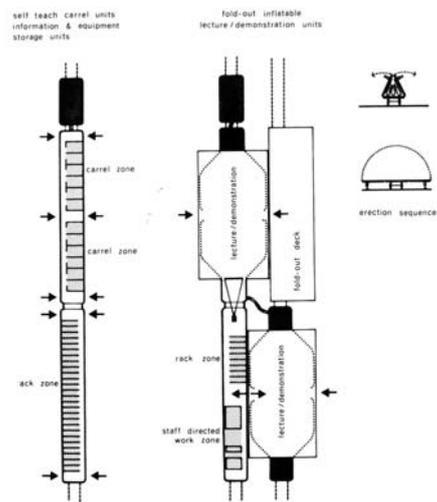
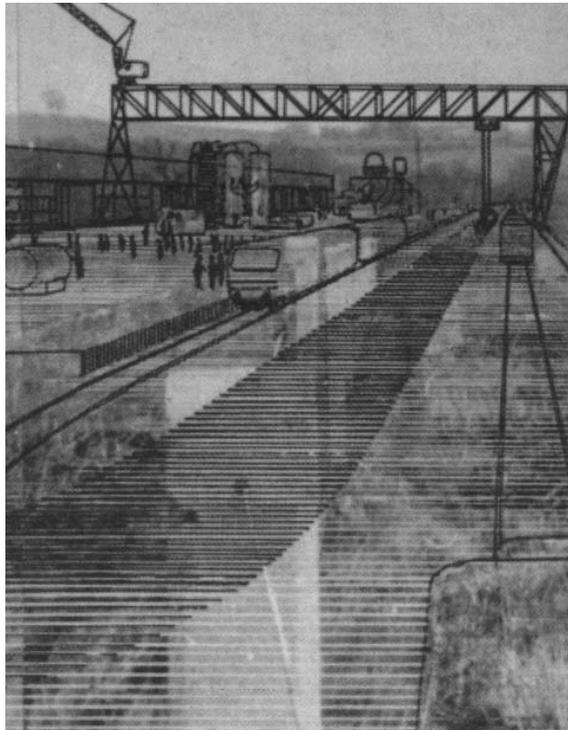
42. Esquemas de infraestruturização e mobilidade vertical e de abastecimento de água e electricidade



Um exemplo de intervenção arquitectónica numa ruína genérica, de acordo com as premissas que tenho vindo a defender, é o projecto para a Torre David desenvolvido pelo *Urban-Think Tank*. Este atelier venezuelano tem vindo a acompanhar o desenvolvimento da torre através da convivência directa com os habitantes e, desde 2008, tem feito um estudo detalhado sobre este fenómeno ³¹, que se encontra compilado no livro editado em 2013, *Torre David: Informal Vertical Communities* (muito importante na redação deste trabalho):

O projecto tem como objectivos melhorar o nível de vida dos habitantes da torre, torná-la menos dependente da rede energética nacional (que apresenta graves problemas devido à sobrecarga) e melhorar o seu aspecto físico, na tentativa de a integrar no ambiente urbano e de melhorar a opinião dos outros cidadãos em relação ao local e aos habitantes. As intervenções propostas pelo atelier são todas de carácter orgânico, na medida em que requerem e fomentam a participação dos habitantes, consistindo na seguinte proposta: aproveitamento das fachadas para instalação de um sistema de turbinas eólicas, que ao mesmo tempo funciona como gerador de energia eléctrica, elemento de segurança e de filtragem dos espaços interiores (uma vez que as condições precárias das habitações e a grande altura da torre constituem um perigo eminente para os habitantes) e também como elemento que permite desenhar a fachada e trabalhar a imagem do edifício. Em complemento ao sistema de turbinas é também proposto um sistema hidráulico que, através do armazenamento e distribuição de água, ajudam a gerar energia eléctrica; outra parte da proposta é a extensão do edifício K para funcionar como espinha dorsal do complexo, contendo elementos de circulação e toda a infraestrutura necessária, indo ao encontro da dificuldade que os habitantes da torre enfrentam todos os dias para se deslocarem verticalmente. É assim proposto um sistema de transporte inspirado no funcionamento básico de um elevador mas que funciona quase sem recorrer a energia eléctrica. Tendo em conta a escala do edifício e da comunidade, o atelier olhou para a torre não apenas como um edifício mas antes como uma cidade vertical e, assim sendo, aplicou o princípio de funcionamento das redes de transportes

31 Alfredo Brillembourg, Hubert Klumpner, Urban-Think Tank Chair of Architecture and Urban Design, & ETH Zürich (Eds.). (2013). *Torre David: Informal Vertical Communities*. Germany: Lars Müller Publishers. p.131



43. *Potteries Thinkbelt*

44. *Potteries Thinkbelt*, esquema de adaptação das carruagens

urbanos ao transporte vertical da Torre David: o transporte funcionaria apenas em certas horas (definidas pelos habitantes e de modo a responder da melhor maneira ao funcionamento da torre) e efectuaria paragem de 5 em 5 andares, mantendo assim a importância das escadas como um meio de circulação e de interacção social durante a rotina diária dos habitantes. O sistema funcionaria balançando o peso ascendente com o peso descendente, o que exigiria uma grande coordenação da comunidade para permitir o bom funcionamento sem ter de recorrer a energia eléctrica. A relação e o conhecimento que o atelier adquiriu na convivência directa com os habitantes garante que tal situação é possível. Na condição de segunda intervenção, pois na realidade quem entreviu sobre uma ruína genérica foram os actuais moradores da Torre David, este projecto do *Urban-Think Tank* põe em prática modelos de intervenção alternativos que se enquadram perfeitamente nos moldes que venho defendendo até agora.

Uma intervenção arquitectónica à qual é também pertinente fazer uma breve referência é o projecto (não construído) do arquitecto inglês Cedric Price, *Potteries Thinkbelt*. Neste projecto o arquitecto propõe a reutilização (ou como tenho vindo a defender, a reavaliação) de uma linha infraestrutural da indústria oleira no norte de Staffordshire, um condado inglês a norte de Birmingham. Aproveitando a finalidade original da linha ferroviária, o transporte, Price faz uma proposta arrojada para uma Universidade *High-Tech* que se deslocaria sobre os carris. Com pontos de interface nas estações ferroviárias e dispositivos insufláveis nas carruagens, que se adaptariam às necessidades do espaço, esta seria uma plataforma de ensino constantemente em movimento. Este projecto ilustra a tentativa do arquitecto em encontrar soluções inovadoras e arrojadas através dos elementos que a cidade fornece, valorizando os elementos originais, mas sem se prender a preconceitos ou identidades.

Apesar de os projectos que enunciei até agora serem todos bastante diferentes, é possível identificar uma linha condutora nas estratégias usadas em todos e, nesse sentido, no que diz respeito à situação específica de intervir nestes locais inacabados, é também pertinente fazer uma referência ao modo de ver a arquitectura explorado por Alison e Peter Smithson durante os anos 50, o *As Found*. *As Found é uma atitude(...)*. Esta noção de atribuir qualidades positivas ao preexistente é certamente

invulgar; o comentário “estava lá” acarreta geralmente uma carga negativa e geralmente é entendido da seguinte maneira: “como sempre”; notícias do passado. Depois vem um grupo e afirma que o facto de qualquer coisa já lá estar (com mais ou menos presença) é algo positivo. ³² O *As Found* não se referia apenas a edifícios, mas também a todas as marcas que constituíam memórias de um lugar e que ajudavam a perceber como o tecido que construía aquele lugar tinha chegado ao estado em que se encontrava. ³³ Deste modo, Alison e Peter Smithson começaram a pensar os seu edifícios como os intrusos que iriam passar a fazer parte de uma estrutura já estabelecida à partida, fosse por uma árvore ou outro elemento qualquer. *Assim que a arquitectura começa a ser pensada, o seu conceito deve reflectir tanto o “As Found” como o facto de querer fazer um projecto específico para o lugar.*

Assim, o “as found” era uma nova maneira de encarar o comum, uma abertura ao modo como as “coisas” prosaicas podiam trazer uma nova dinâmica à nossa actividade criativa. ³⁴ Tal como Alison e Peter Smithson procuravam na “madeireza” da madeira inspiração para as suas novas ideias, eu proponho que se procure também na ruína genérica inspiração para novas maneiras de intervir na cidade, que se consiga encarar a sua vulgaridade como um ponto de partida positivo, e não o contrário.

Depois de analisar estes exemplos e de identificar as suas características principais, foi essencial estabelecer três problemáticas que devem ser devidamente ponderadas em qualquer projecto ou ideia, de modo a garantir que a especificidade destes locais se mantém no momento de uma possível intervenção:

Limite/Contexto: tendo em conta o contexto urbano, quando me refiro às ruínas genéricas como elementos disponíveis da cidade, a ausência de limite destes locais é a característica que abre mais possibilidades na expectativa de que possam vir a ser uma resposta aos problemas da contração. O seu limite é sempre incerto, característica comum a todos os objectos inacabados, que identifiquei mais atrás.

³² Lichtenstein, C., & Schregenberg, T. (Eds.). (2001). *As Found: The Discovery of the Ordinary: British Architecture and Art of the 1950s* (1ª ed.). Lars Müller Publishers. p.8

³³ *ibidem* p.40

³⁴ *ibidem*

Porém, se nos exemplos que exploram a condição do inacabado desde o renascimento, esta ausência era explorada positivamente, em exemplos como a Torre David, ou o *Szkieletor*, esta ausência gerou soluções, que devido à precariedade das intervenções em causa, anularam por completo esta indeterminação de limite no contexto urbano. A ausência de limite permaneceu apenas no objecto em si, tendo sido sempre criada uma barreira bastante forte entre o espaço ocupado pela ruína genérica e o contexto urbano envolvente.

É fundamental olhar para esta indeterminação de limite como uma ferramenta essencial, que permitirá ao local em causa responder, com eficácia, aos problemas da mobilidade e transformação constante da cidade, pensando sempre na ruína genérica como uma parte integrante do aglomerado urbano em que está inserida. A intervenção numa ruína genérica deve potenciar não só o espaço que delimita, mas também a relação com o contexto urbano envolvente, visto que *esta ausência de limite (...) é precisamente a mensagem que contém expectativas de mobilidade, nomadismo, tempo livre, liberdade.*³⁵

Imagem: na maioria das vezes, estes espaços apresentam ainda as ferramentas que estavam a ser usadas quando a sua construção foi interrompida. São espaços toscos, desorganizados, inseguros, descaracterizados e degradados. Se, como tenho vindo a defender, estas características podem ser utilizadas pelo arquitecto, ou até mesmo pelos outros cidadãos, no processo intelectual de conceber uma ideia, por outro lado, são também as responsáveis por afastar as pessoas e por impedir que estes espaços façam parte do contexto urbano em que se inserem.

No entanto, por serem espaços contrastantes com o que observamos geralmente na cidade, a sua imagem, pior ou melhor, é um dado adquirido na paisagem urbana, e que faz parte da memória dos cidadãos. É preciso então intervir no sentido de melhorar a imagem destes locais, para tornar possível a sua integração. Uma intervenção numa ruína genérica pode simplesmente passar por torná-la num local seguro e, conseqüentemente, com uma imagem que convide a

35 Solà-Morales, Ignasi de. (2002). *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA. p.187

possíveis apropriações. A estética adquirida pelo espaço quando está abandonado é importante numa primeira instância, na medida em que desperta interesse e cria uma contra imagem da cidade, tanto no sentido crítico, como no sentido alternativo.³⁶ No entanto, não devemos prender-nos a essa estética, pois ao fazê-lo, estaríamos a intervir numa ruína genérica de acordo com os princípios com que se intervém numa ruína histórica. A imagem destes locais deve ser reavaliada com o objectivo de criar uma imagem que transmite segurança e que promove a integração, mas ao mesmo tempo, capaz de continuar a despertar, em quem os observa, a mesma sensação de indeterminação. Deve ser uma imagem que promova continuidade e versatilidade.

Ambiguidade/Versatilidade: as características destes locais que tenho vindo a enunciar ao longo do trabalho, reflectem-se numa grande ambiguidade. No fundo, uma ruína genérica pode vir a ser qualquer coisa, independentemente do objectivo inicial com que foi criada. Se tanto no limite como na imagem, a incerteza é uma constante da Ruína Genérica, é essencial que, ao intervir nestes espaços, se tenha como características principais a flexibilidade e a versatilidade. Desta forma, numa época em que a mobilidade e a velocidade são aspectos cada vez mais presentes nas cidades, para conseguirem ser uma resposta eficaz ao fenómeno da contração urbana, estes locais devem permanecer flexíveis e adaptáveis às diferentes necessidades.

*Os adágios tendem a tornar-se clichés quando são verdadeiros: “pensar globalmente, agir localmente” deve ser um princípio fundamental da prática arquitectónica. A inovação e as práticas de vanguarda estão por todo o lado - mas devem ser revistas e adequadas à situação ou cultura em particular.*³⁷

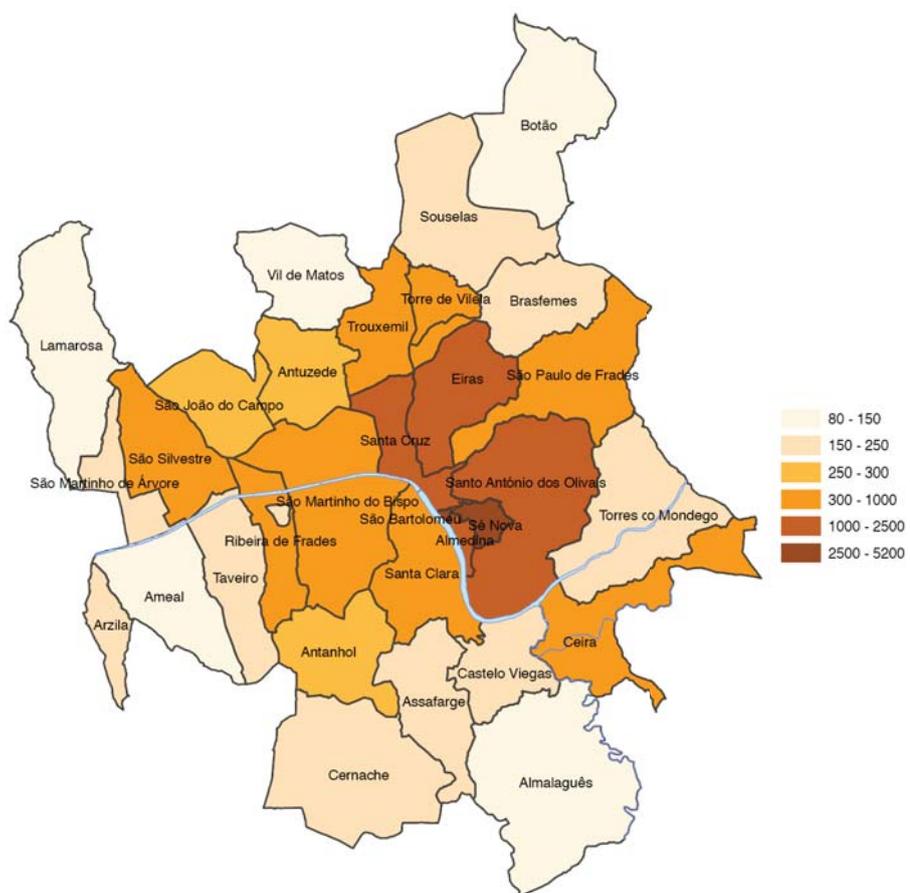
Conclusão, depois de analisar todos estes exemplos de intervenções em ruínas genéricas, e de outro tipo de intervenções que são feitas tendo em conta estratégias alternativas, o objectivo não foi procurar um modelo de intervenção para todas as ruínas genéricas, pois defendo que cada caso representa um situação particular, que

³⁶ ibidem p.188

³⁷ Alfredo Brillembourg, Hubert Klumpner, Urban-Think Tank Chair of Architecture and Urban Design, & ETH Zürich (Eds.). (2013). *Torre David: Informal Vertical Communities*. Germany: Lars Müller Publishers. p.376

deve ser pensado individualmente para responder às necessidades do contexto em que se insere. O objectivo foi a identificação das características principais da ruína genérica, e de uma linha condutora, com o propósito de garantir que as características destes locais são aproveitadas da melhor maneira, para permitir que o seu papel como espaços alternativos para o desenvolvimento da cidade, baseado nas necessidades actuais, possa ser bem sucedido.

45. Densidade populacional 2001 (hab./km2)



RUÍNAS GENÉRICAS EM COIMBRA

Depois de identificar a linha condutora que permitirá à arquitectura intervir nestes espaços, de modo a que desempenhem um papel bem sucedido na procura de estratégias urbanas alternativas, foi essencial debruçar-me sobre ruínas genéricas que ainda não foram alvo de qualquer intervenção, para poder explorar as ideias que tenho vindo a defender.

Optei por estudar a cidade de Coimbra, por ser um utilizador diário da mesma, e por muitas das ruínas genéricas da cidade fazerem parte da minha memória, factor que foi decisivo para conseguir formular uma opinião mais aprofundada sobre esses espaços. Para que possam surgir respostas, é necessário que haja envolvimento da população e, por isso, centrei a minha pesquisa na zona com maior densidade demográfica. Cruzando a minha memória de arquitecto-cidadão, com uma pesquisa que efectuei ao longo do trabalho, identifiquei as ruínas genéricas assinaladas no *desdobrável 1*. Durante a elaboração desta dissertação, tentei várias vezes obter informação sobre estes locais junto da Câmara Municipal de Coimbra, no entanto, nunca foi demonstrado grande à vontade na discussão deste tema pelos funcionários, e, na maioria das situações, nenhum deles está cadastrado nos registos da CMC, ou













RUÍNAS GENÉRICAS EM COIMBRA















RUÍNAS GENÉRICAS EM COIMBRA





RUÍNAS GENÉRICAS EM COIMBRA

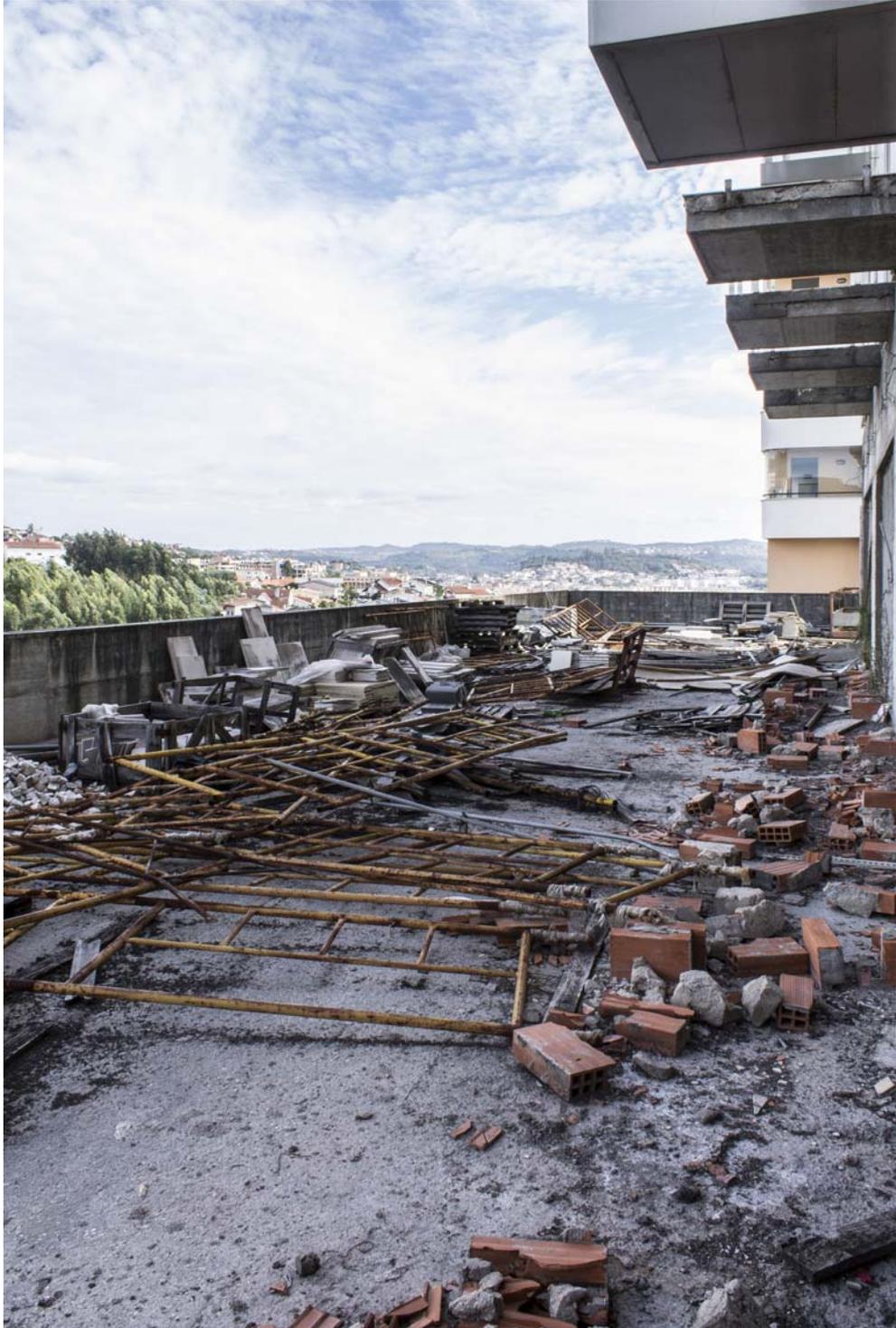






5. <http://binged.it/162xzmD>







6. <http://binged.it/162xJKv>

pelo menos assim me fizeram entender. Isto levou-me a concluir, que dentro das causas que identifiquei como responsáveis pelo aparecimento das ruínas genéricas, a ilegalidade tem especial influência nestas situações, influenciando tanto a paragem da obra, como condenando o local à estagnação. A informação que consegui juntar sobre as seis ruínas genéricas que identifiquei foi a seguinte:

1. Sobre esta ruína genérica não foi possível obter qualquer informação junto da Câmara Municipal, por não existir nenhum registo em cadastro. É, possivelmente, o que resta do início da construção de mais um edifício de habitação colectiva como os da sua lateral. Durante uma conversa informal com um funcionário da Câmara, a pessoa em causa apenas se referiu a ela como um “caso muito interessante”, mas não adiantou qualquer informação adicional. O Miradouro António Nogueira, que se encontra actualmente em funcionamento na plataforma à cota da Rua Doutor António José de Almeida, foi inaugurado em Abril de 2009. Até então, a plataforma permanecia vazia e sem qualquer tipo de utilização. A estrutura que suporta a plataforma apresenta um estado ligeiramente degradado e conta com um acrescento cuja função se desconhece. Aparentemente nunca foi alvo de intervenção. As datas de construção e motivo da paragem são desconhecidos.

2. Esta ruína genérica é um dos casos mais mediáticos da última década da cidade de Coimbra. Originalmente um condomínio de luxo, tem sido nos últimos anos uma exposição a céu aberto, que apresenta aos cidadãos todas as características da cidade que enumerei ao longo deste trabalho. A sua construção foi embargada pela Câmara em Março de 2005, por todos os edifícios apresentarem 8 pisos, em vez dos 7 aprovados em projecto, e por o edifício mais a norte se situar em cima de um corredor verde que liga o Parque Verde ao Jardim Botânico (construção essa que foi polemicamente autorizada pela Câmara no mandato da altura) ¹. Desde então a obra já sofreu algumas alterações: os pisos ilegais foram demolidos e o facto de a construtora ter conseguido dividir a obra em vários lotes, deu legitimidade a alguns dos edifícios para continuarem a ser construídos. Toda esta situação se foi desenvolvendo acompanhada de corrupção, levando a que actualmente, metade da

1 Morais, N. (2009, Janeiro 29). Urbanização Jardins Mondego em zona verde. *Jornal de Notícias*. Acedido em Julho 30, 2013, em http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Coimbra&Concelho=Coimbra&Option=Interior&content_id=1123110&page=-1

obra se encontre ainda em betão e tijolo, e a outra metade já com os acabamentos finais, mas no entanto sem legitimidade para ser habitada. As estruturas de betão estão ainda em perfeitas condições. Numa visita ao local foi possível encontrar vestígios que indicam que a zona onde a obra está mais atrasada, tem vindo a servir de casa para alguns sem abrigo. Mais recentemente, já na fase final da elaboração desta dissertação, foi publicada uma notícia que afirma haver luz verde para a conclusão da obra.²

3. Sobre esta ruína genérica também não foi possível encontrar informação junto da Câmara, pelo menos relativa à construção que lá existe neste momento. No entanto, numa visita ao local, descobri que um casal de idosos, moradores de uma humilde casa nos limites do terreno ocupado pela construção inacabada, aproveitam neste momento o espaço para cultivo (uso que os senhores, que ali moram há mais de 30 anos, davam ao terreno antes da construção da obra), estender a roupa, cozinhar, ou até mesmo para dormir a sesta a meio da tarde. Os senhores foram extremamente simpáticos e deixaram visitar o local à vontade, demonstrando durante todo o tempo da visita uma grande vontade de ver aquele espaço a ser utilizado para alguma finalidade. Fiquei ainda a saber que esta ruína genérica é o que resta de um prédio que começou a ser construído para os filhos do proprietário do terreno, que por estar endividado, não teve meios para acabar a obra, permanecendo assim há mais de 10 anos. Actualmente aquele espaço pertence a outros proprietários, que já fizeram visitas ao local, mas no entanto também não avançaram com nenhuma solução, visto que para demolir a obra seria preciso mais dinheiro do que o já investido, afirmou o habitante vizinho. Sobre esta situação, sei também que houve um pedido de informação efectuado na Câmara relativo a este terreno em 2010, que ignora completamente a existência de uma construção inacabada no local, o que me leva a concluir que os novos donos do terreno não têm qualquer intenção de a aproveitar. Esta ruína permanece exactamente como foi deixada, com todos os materiais de obra. É constituída por ferro e betão, que se adaptam de uma forma bastante interessante ao desnível do terreno onde se inserem. A estrutura de betão apresenta ainda um

² Tribunal deu “luz verde” aos Jardins do Mondego. (2013, Julho 6). *Diário de Coimbra*. Acedido em Julho 30, 2013, em <http://www.diariocoimbra.pt/noticias/tribunal-deu-luz-verde-aos-jardins-do-mondego>

bom estado de conservação.

4. Sobre esta ruína genérica foi possível recolher alguma informação junto da Câmara. É o que resta da construção interrompida de uma moradia, que faz parte do loteamento urbano nº263. O alvará de licença para o loteamento data de 1985, e as informações sobre o lote onde esta ruína se encontra são: área (1590m²), cêrcea máxima (7m), número de fogos (1), área de construção máxima a projectar (450m²) e tipologia (isolada). Depois de uma análise do que se encontra construído e de uma visita à obra, foi possível verificar que as regras estabelecidas para o lote foram respeitadas. Não tendo sido possível recolher mais nenhuma informação adicional e, estando esta construção inserida num loteamento, estamos provavelmente perante mais uma situação em que o responsável pelo estado da obra é o proprietário. A data da paragem de construção é desconhecida, mas o estado de conservação em que se encontram a estrutura de betão e as paredes de alvenaria é bastante bom.

5. Esta ruína genérica é talvez a que se encontra mais perto do estado de conclusão final. Um prédio de habitação colectiva com 11 andares e um embasamento que seria uma galeria comercial com entrada pela avenida Elísio de Moura. A sua construção foi iniciada em 2009, e a data e motivo da paragem são desconhecidos. Os apartamentos aparentam estar concluídos, mas o prédio está completamente aberto e inacabado no piso térreo, com todos os materiais de construção abandonados, e com a escada principal de acesso ainda em estado bruto.

6. Este caso ilustra uma situação em que a ruína genérica, depois de muito tempo deixada ao abandono, foi demolida. Esta construção data, provavelmente, de 1997, e a sua imagem de ruína é bastante presente na minha memória enquanto cidadão de Coimbra. Até ao início da elaboração desta dissertação, a ruína permanecia abandonada, no entanto, foi demolida durante este ano de 2013, restando apenas neste momento o espaço vazio, sem qualquer vestígio da ruína que ali existiu, também abandonado.

Visitar estes espaços foi uma experiência mista de emoções. Estando na sua maioria cercados pelas vedações que permanecem desde o tempo das obras, o silêncio que se faz sentir dentro dos mesmos deixa-nos escutar o frenesim da cidade em redor, transmitindo uma calma estranhamente confortante. A sua materialidade cinzenta,

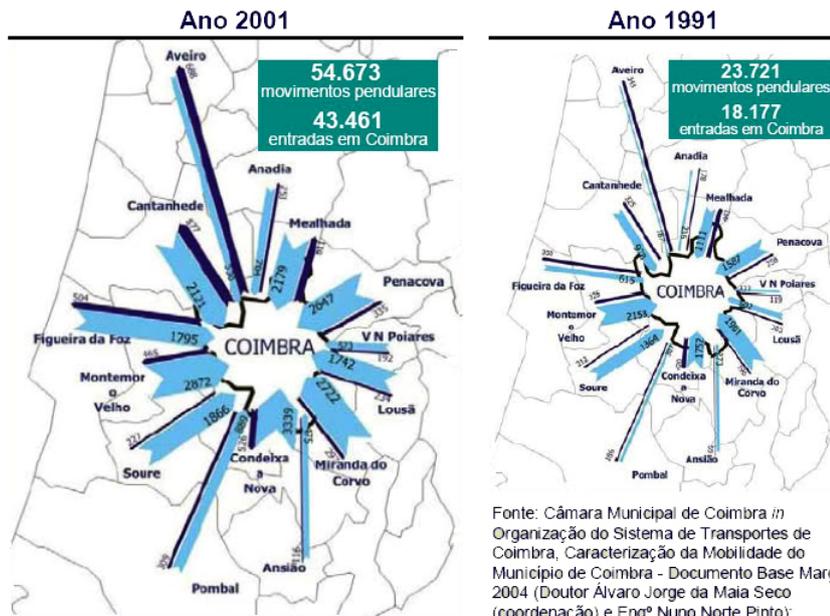
proveniente dos esqueletos despídos de betão, deixa-se envolver pela explosão de cor da cidade à sua volta. São espaços estáticos, que nos confrontam com a constante evolução da cidade.

Coimbra, até ao século XIX resumia-se à zona da alta e aos planos da reforma quinhentista da Universidade, sem nunca sofrer grandes alterações. Apenas com as reformas oitocentistas, que vieram com o objectivo de afirmar a cidade a nível nacional, Coimbra começou a evoluir para lá da Baixa e da Alta.³ Entre as intervenções efectuadas nesse contexto, estão: o rasgamento da Baixa para a construção da Rua Visconde da Luz, na segunda metade do século XIX; a construção do cemitério da Conchada em 1860; a construção da estação ferroviária a norte da cidade em 1864, e, passado dois anos, da estação no centro, que foram essenciais na infra-estruturação da cidade e consequente expansão da indústria para a margem direita e para as zonas de Eiras e Pedrulha; a construção da Câmara Municipal e do Mercado Municipal D. Pedro V em 1867, que ditou a expansão da cidade para nascente; a construção da Ponte Santa Clara em 1875, da Ponte da Portela e da linha férrea, que liga Coimbra e Lousã, e da Estrada da Beira, que foram essenciais na expansão da cidade para lá das margens; em 1882 a construção da Avenida Sá da Bandeira, contemporânea da construção dos bairros em volta da actual Praça da República, que passou a ligar a Baixa com a Praça da República e Celas, e foi essencial na expansão para as zonas periféricas de Montes Claros e Montarroio; a construção da Avenida Lourenço de Almada Azevedo e da Rua Tenente Valadim depois de 1890 foram também essenciais na ligação a Celas e Montes Claros; a importância do Largo da Portagem, visto como o *verdadeiro espaço colectivo moderno por excelência*⁴, deu origem também à construção do Parque Manuel Braga e da regularização das margens do rio. Foi a partir de todas estas transformações que a cidade do século XIX se expandiu e surgiu a cidade do século XX, que veio dar origem à Coimbra que conhecemos hoje.

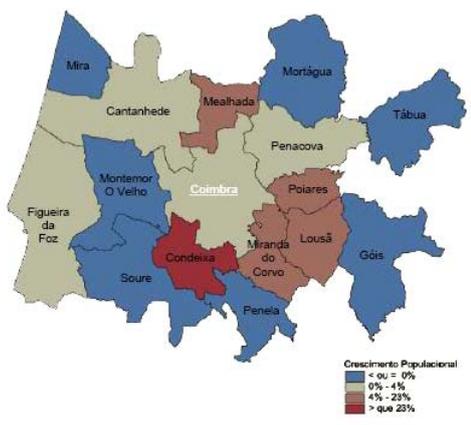
As ruínas genéricas que identifiquei tiveram todas origem na cidade dos séculos XIX e XX, o que vem provar que a expansão guiada pelos ideais modernistas foi um factor decisivo no aparecimento destes espaços, e assim sendo, é preciso voltar

3 Marques, H. S. (2006). *Entre o centro e a periferia: franjas reestruturadoras de cidade* (Dissertação de Mestrado). dARQ Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra. Acedido em <http://hdl.handle.net/10316/3754>

4 *ibidem* p.77



Fonte: Câmara Municipal de Coimbra // Organização do Sistema de Transportes de Coimbra, Caracterização da Mobilidade do Município de Coimbra - Documento Base Março 2004 (Doutor Álvaro Jorge da Maia Seco (coordenação) e Engº Nuno Norte Pinto); Análise Deloitte



- 46. Movimentos pendulares em Coimbra em 2001 e 1991
- 47. Crescimento populacional, estimativas para o período de 1996-2004

um pouco atrás e reavaliar a cidade existente. Actualmente, Coimbra encontra-se mais uma vez num estado de estagnação. O centro consolidado está cada vez mais deserto, e o preço elevadíssimo do solo urbano, derivado do crescente interesse do mercado imobiliário em alugar residências a estudantes, tem levado a uma migração em massa dos habitantes para a periferia, como se pode confirmar pelo gráfico dos movimentos pendulares e do crescimento populacional.

Coimbra é cada vez mais uma cidade que vive da periferia e da comunidade estudantil, avistando-se um futuro em que o centro ficará cada vez mais deserto e, ao mesmo tempo, invadido pelos fluxos de deslocação de uma sociedade dependente do automóvel. Embora não seja considerada uma cidade em contração, é assim pertinente que se comece a encarar Coimbra através das problemáticas que tenho vindo a abordar ao longo do trabalho, para reverter esta situação, e é nessa tarefa que as construções inacabadas que identifiquei vão ser fundamentais.

Nesse sentido, e por nada ilustrar melhor o que tenho vindo a defender que uma proposta prática, escolhi uma das ruínas genéricas que identifiquei para desenvolver um projecto. Optei pela ruína 1 por ser a que há mais tempo faz parte da minha imaginação enquanto cidadão, factor que considero essencial.

O Projecto

Antes de partir para a análise particular, foi essencial olhar para a distribuição destes espaços à escala da cidade. No sentido de reduzir o uso do automóvel e de incentivar o uso de meios de transporte alternativos, proponho que as ruínas genéricas que identifiquei funcionem como pontos de interface, onde se possa alugar uma bicicleta, e deixar o automóvel, para proceder à deslocação no centro da cidade. Mais do que isso, estes locais passariam a sinalizar a passagem da periferia para a cidade consolidada, como um alerta para os cidadãos em como estão a entrar numa realidade diferente, apesar de estarem na mesma cidade. A distribuição geográfica destes pontos, permite a sua utilização por parte das pessoas que chegam das diferentes áreas da periferia, ou, como se situam em zonas maioritariamente

habitacionais, servir os habitantes do centro, substituindo completamente o uso do automóvel- *desdobráveis 1, 2 e 3*.

Focando-me então na Ruína Genérica número 1, e no seguimento do que tenho vindo a abordar ao longo desta dissertação, a intenção principal do projecto é conferir a este espaço as condições básicas para que a sua integração urbana passe a ser possível, e fazê-lo de modo a garantir que o seu carácter genérico e ambíguo permaneçam, na esperança de que este espaço possa responder tanto às necessidades actuais da cidade, como às futuras. O estado em que o espaço ficou desde o abandono da obra, permitiu que apenas uma pequena parte da área total fosse utilizada: a plataforma à cota da rua Doutor António José de Almeida, que funciona actualmente como miradouro sobre a cidade. Existe ainda uma pequena construção posterior entre os pilares que suportam o miradouro. Assim sendo a proposta consiste em: numa primeira fase, proponho que se reavalie o espaço e a sua relação com a cidade. Numa análise à escala urbana, a proximidade desta ruína genérica com a alta de Coimbra, e conseqüentemente com a Universidade, foi um dos factores que me despertou maior interesse - *desdobrável 4*. No entanto, o desnível imposto pelo terreno, não permite que esta ligação se faça de maneira confortável: uma distância de aproximadamente 256 metros, que num terreno plano demoraria cerca de 4 minutos a percorrer, neste caso específico implica fazer um caminho que demora no mínimo 18 minutos⁵, vencendo um desnível de aproximadamente 56 metros - *desdobrável 5*. Estando situada num local maioritariamente habitacional, seria de todo o interesse uma relação confortável com a alta de Coimbra para uso dos estudantes, docentes e todos os funcionários, bem como de toda a população, que passaria a ter um acesso mais fácil a esta zona da cidade, recentemente considerada património mundial da UNESCO. Assim sendo, e tendo em conta que um dos principais problemas da cidade de Coimbra é a deslocação entre cotas altas, proponho a criação de uma linha de teleférico, em conjunto com dois pontos de estacionamento e aluguer de bicicletas em cada extremo, que ligaria o espaço desta ruína genérica à varanda do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra - *desdobráveis 6 e 7*. A criação desta linha seria

⁵ tempos calculados pelo *Google Maps*

bastante sustentável, uma vez que funcionaria tanto como atracção turística, como meio central de deslocação diária para os residentes. O estacionamento de bicicletas permitiria aos utilizadores deslocarem-se até ao local na sua bicicleta, ou alugar uma, quando chegassem ao outro extremo da linha.

Numa segunda fase, proponho o reforço da estrutura existente com uma segunda camada de betão - *desdobrável 8*. Este reforço teria dois objectivos: conferir segurança e uma imagem digna ao espaço, no sentido de eliminar a sua condição de resto, de o tornar num espaço convidativo, e de transmitir segurança aos cidadãos, de modo a que o encarem como um espaço passível de ser ocupado.

A localização desta ruína genérica tornou também essencial a criação de um elemento de circulação vertical, que permitiria não só fazer a transição de cotas, como também traria a possibilidade de os utilizadores usufruírem o interior da estrutura, quebrando assim o limite criado pelo terreno. O elemento de circulação vertical seria uma caixa de escadas, pois qualquer outro método de deslocação mecânica traria custos adicionais para o local. No entanto, não se elimina a hipótese de que numa parceria futura com uma entidade da área, se possa introduzir por exemplo um elevador. Proponho, ainda, o uso da fachada como suporte à divulgação de informação e publicidade aos eventos organizados na cidade - *desdobrável 9*.

A criação do elemento de circulação vertical, o reforço da estrutura existente, e o uso da fachada como meio de comunicação, em conjunto com a linha de teleférico e bicicletas, transformariam este espaço num elemento activo da rotina urbana, capaz de responder às problemáticas da mobilidade e da comunicação (como qualquer cidade global), tanto à escala do local como à escala da cidade. Passaria a ser um espaço fortemente relacionado com o seu contexto. Estas intervenções, iriam assim tornar este espaço num local que passaria a oferecer as condições necessárias para que os cidadãos o usassem e reavaliassem - *desdobráveis 10 e 11*.

Como defendi no segundo capítulo, o acto de ocupar uma ruína genérica deve ser alvo de participação social, mas não estando na condição de o fazer, e por defender que a arquitectura também tem que ser capaz de propor ideias, para que possa ter um papel fundamental nesta discussão, avanço com a seguinte proposta: tendo em conta a importância que o ensino e a Universidade têm na cidade de Coimbra, tanto

a nível histórico como a nível social, e dada a forte ligação que o teleférico traria, proponho que funcione neste local um laboratório experimental da Universidade de Coimbra. Seria um espaço que ficaria ao encargo dos vários departamentos de ensino e que serviria para a comunidade docente e estudantil apresentar o seu trabalho à população em geral. Por períodos a definir posteriormente, a curadoria do local ficaria entregue a um departamento diferente, que estaria livre para usar o espaço como melhor entendesse. Este seria um programa que poderia tirar total partido da versatilidade do espaço e da forte imagem na paisagem urbana - *desdobráveis 12 e 13*. No entanto, e tendo em conta a versatilidade do espaço, existem milhares de ocupações possíveis - *desdobráveis 14 e 15*.

Conclusão

A análise dos conceitos Cidade Global, Cidade Genérica e Metápole e do projecto *Shrinking Cities*, surgiu da necessidade de procurar uma base, passada, que fundamente a esperança, presente, de um novo significado, futuro, para as construções inacabadas. A elevada taxa de construção e o aumento da importância da comunicação introduzidas pela Globalização, a capacidade de adaptação constante introduzida pela Cidade Genérica e os desequilíbrios entre diferentes partes da mesma cidade introduzidos pela Metápole, foram fenómenos que nos trouxeram até à discussão actual da contração. No entanto, ao contrário do que possa sugerir inicialmente, a contração também implica aumento, mas um aumento que se traduz em espaços e edifícios obsoletos. Na tentativa de combater este aumento, os autores que falam sobre contração têm vindo a desenvolver várias ideias de intervenção na cidade, entre as quais, a mais pertinente para o desenvolver deste trabalho foi a reavaliação.

A introdução do conceito Ruína Genérica surge da tentativa de encontrar mais uma ferramenta útil no processo de reavaliar a cidade. A mudança constante e imprevisível da cidade, bem como a incapacidade de o planeamento responder às necessidades actuais, têm sido os principais responsáveis pela proliferação destes

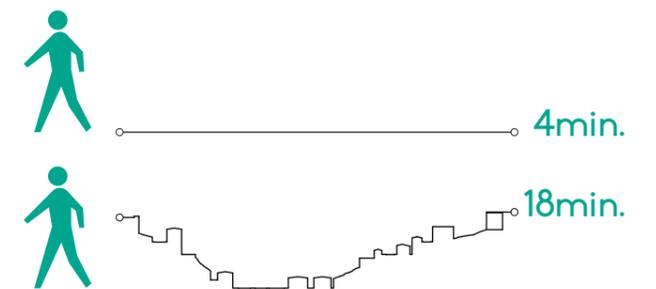
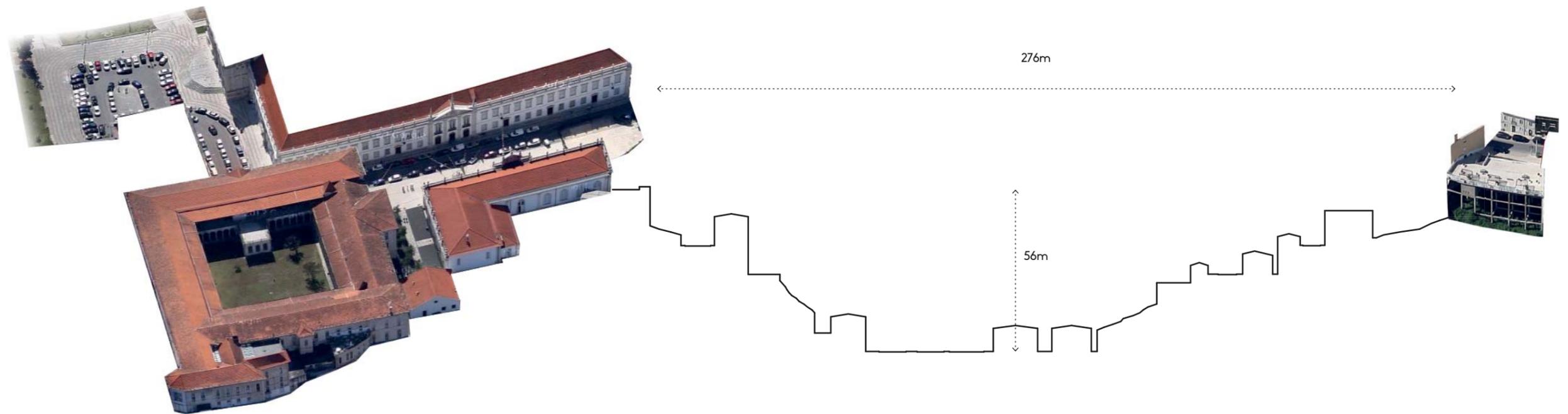


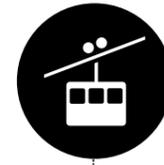


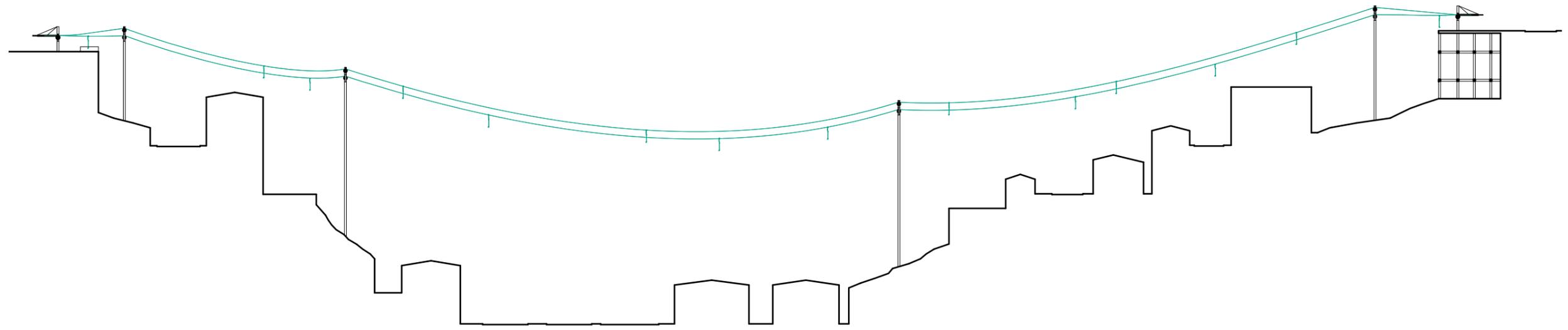
Alta de Coimbra
Polo 1 da UC
Departamento de Arquitectura da UC
Museu da Ciência da UC

Ruína Genérica

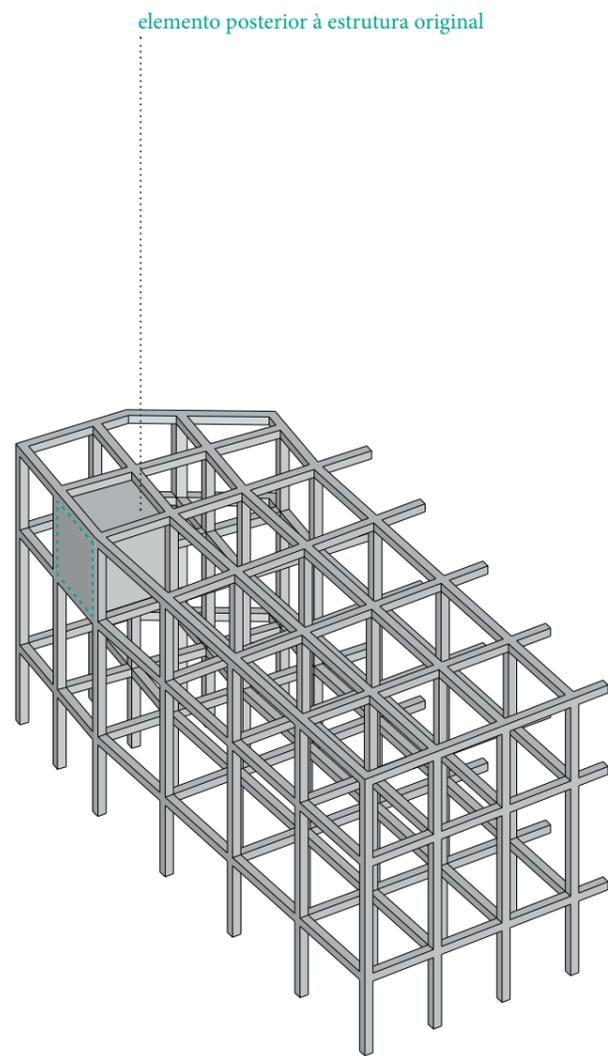




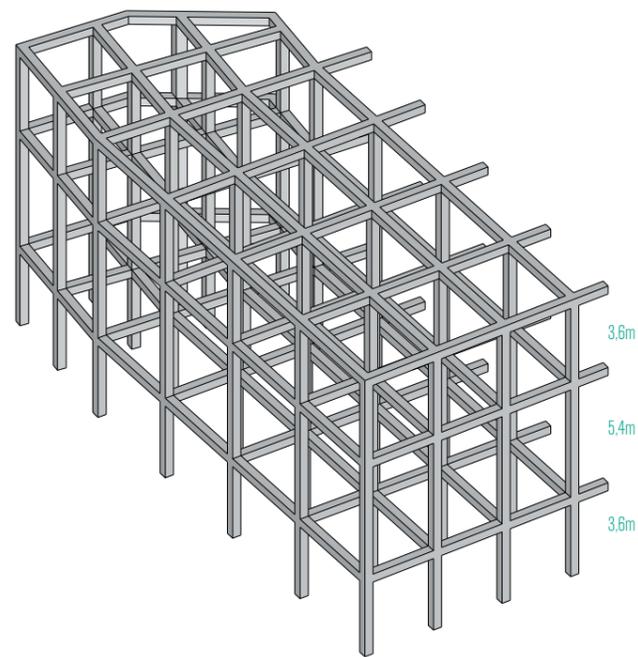
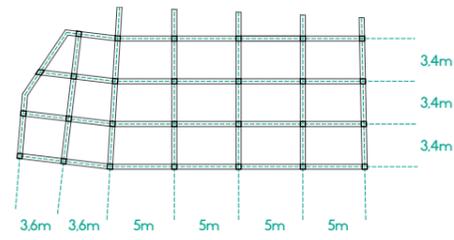




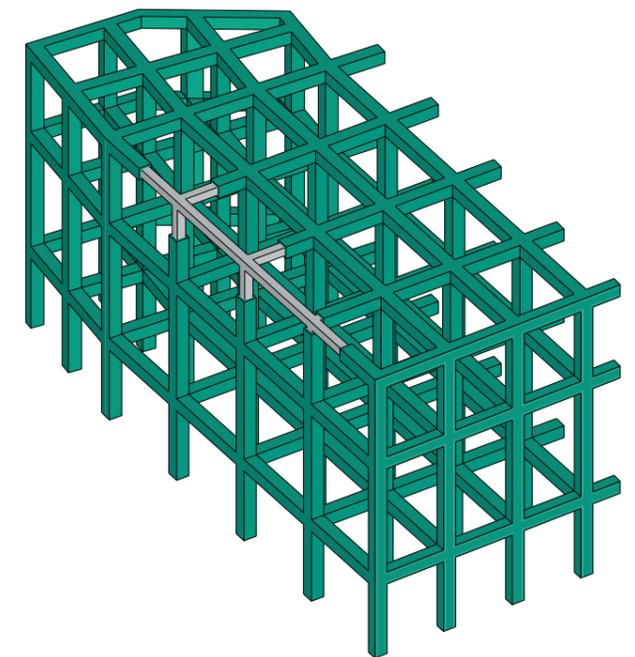
1. Ruína genérica no estado actual

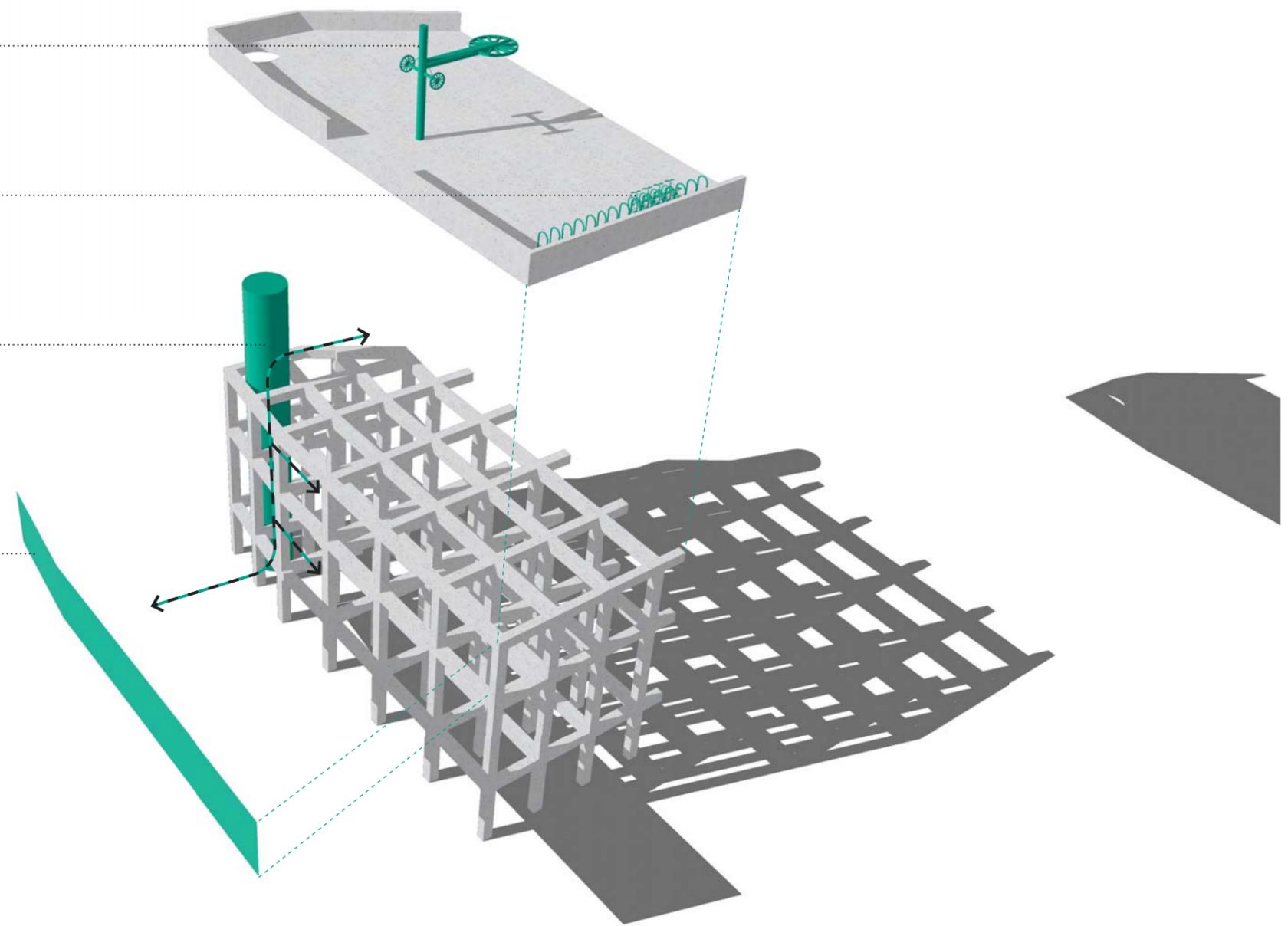


2. Regularização da estrutura



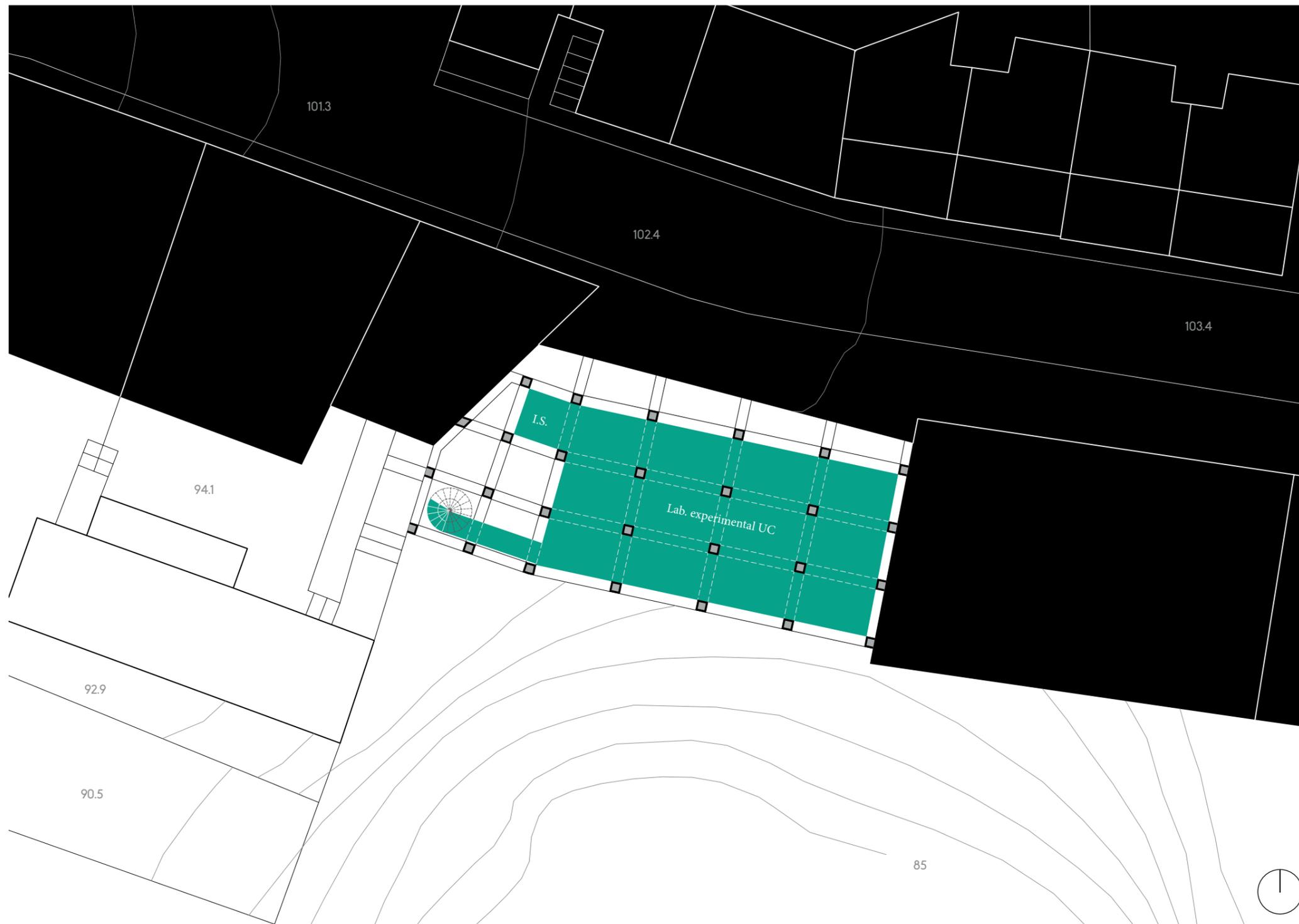
3. Reforço da estrutura com nova camada de betão



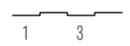




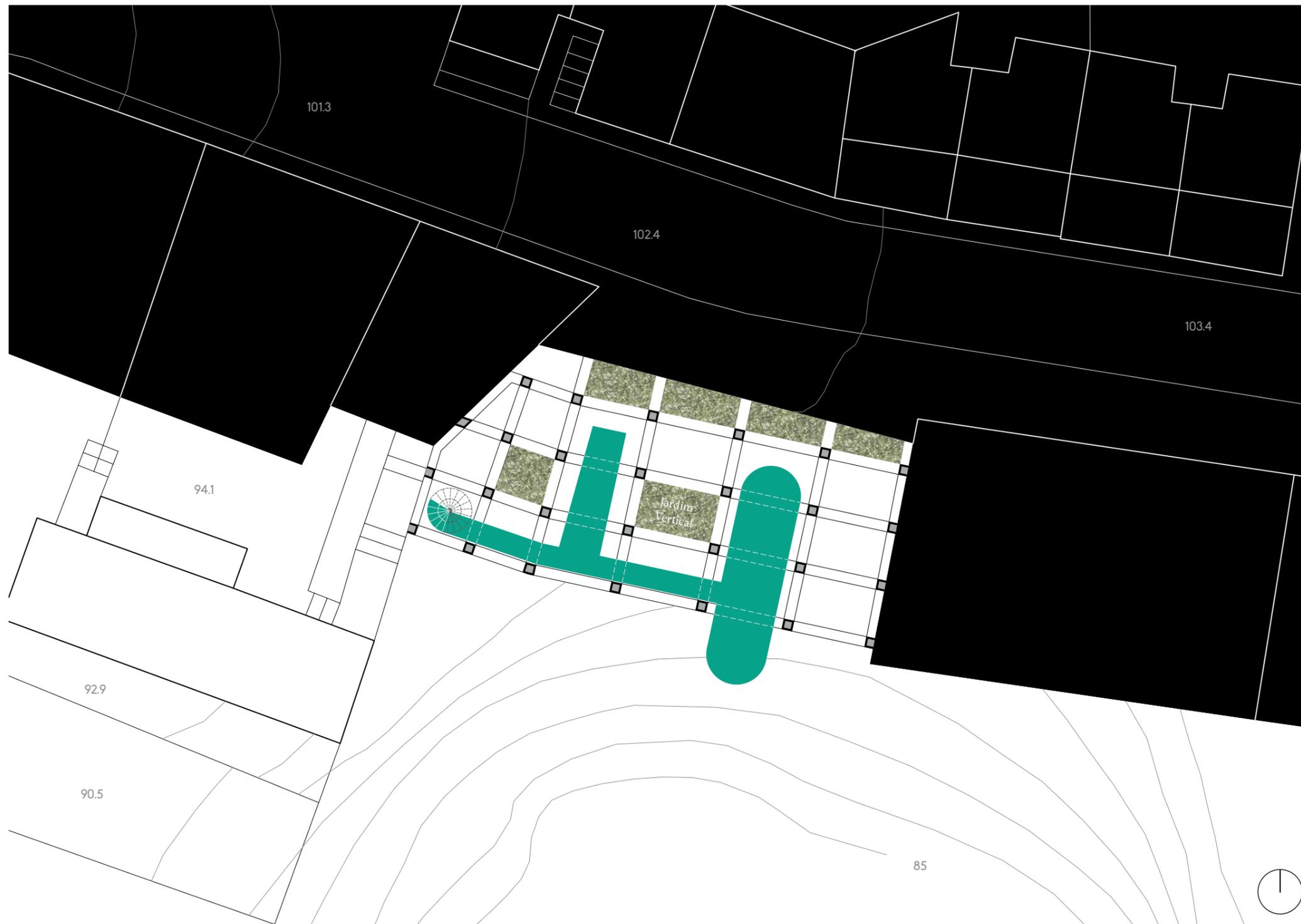




- Possibilidade de ocupação 
- Estrutura existente 
- Reforço da estrutura 







Possibilidade de ocupação



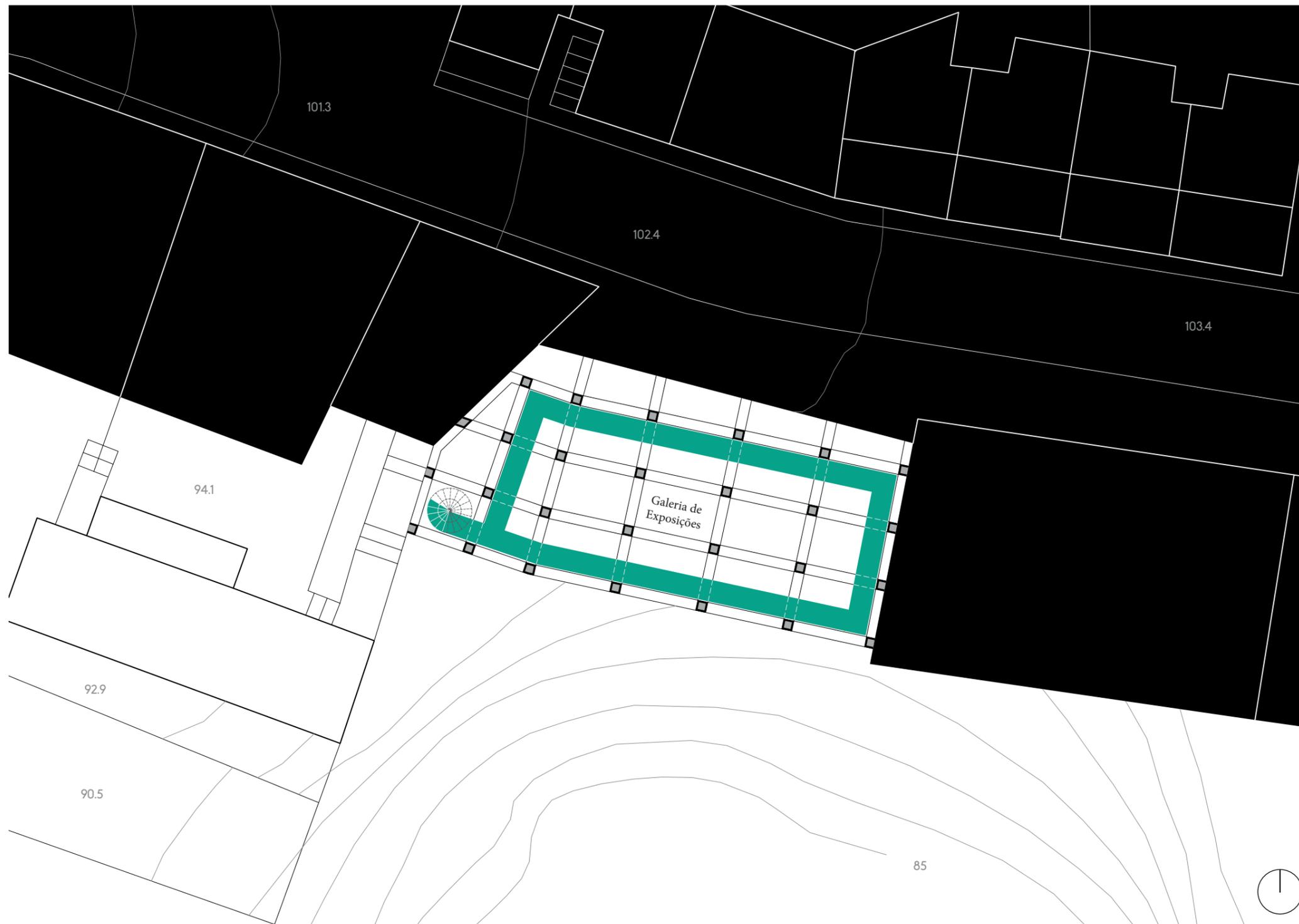
Estrutura existente



Reforço da estrutura



1 3



- Possibilidade de ocupação 
- Estrutura existente 
- Reforço da estrutura 

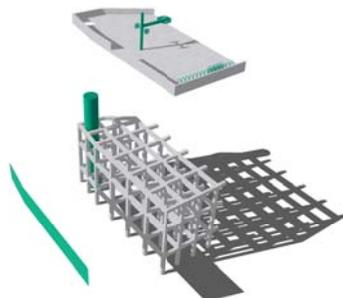
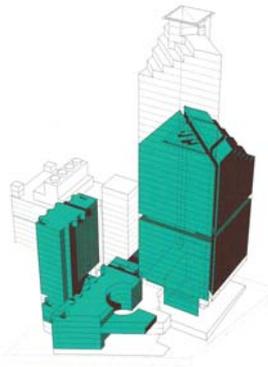
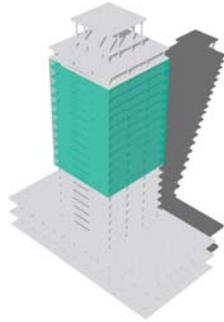
1 3

espaços inacabados e estimulantes nas paisagens urbanas. Esse estado inacabado é, no entanto, o principal impulsionador do processo de pensar a cidade e a arquitectura para além dos campos convencionais, como símbolo da procura incessante por novos significados. Estes esqueletos sem identidade que tiveram origem na paragem de uma construção, e que, desde então não conhecem qualquer tipo de utilização, devem assim ser alvo de um olhar mais atento, e desprovido de preconceitos, por parte da arquitectura. A análise de três ruínas genéricas que foram alvo de ocupações de carácter completamente distinto, o *Szkielektor* em Cracóvia, a Torre David em Caracas e o *Vakko Fashion Center* em Istambul, e a análise de outro tipo de intervenções de carácter menos operativo, todas distintas, mas unidas pela capacidade de encarar a cidade sem preconceito, foi essencial para identificar uma estratégia de acordo com a qual arquitectura poderá intervir nestes espaços sem eliminar as suas características principais, potenciando a sua utilização como elementos-chave na contração urbana.

A proposta final surge como resumo de tudo o que tenho vindo a defender até agora, e é uma das várias interpretações possíveis, das características destes espaços. A intenção deste trabalho não foi desenvolver um projecto no sentido operativo, mas antes, desenvolver um projecto que levantasse especulação, capaz de questionar e perceber o sentido destes espaços, levantando questões que possam abrir portas para investigações futuras e novas formas de encarar a cidade. Nesse sentido, e no seguimento do que afirmou o professor António Lousa numa das conversas relativas a este trabalho - *qualquer coisa definitiva pode ser rapidamente ultrapassada pela realidade* - o objectivo desta dissertação foi a exposição de ideias, que possam resistir ao passar do tempo, e ser adaptadas a várias realidades. Foi uma chamada de atenção para estes espaços que passavam despercebidos e, acima de tudo, um incentivo ao seu aproveitamento, à acção - garantindo que essa acção é levada a cabo da melhor maneira. Pouco interessa se são entidades individuais, governamentais, privadas, públicas, ou de qualquer outra natureza, e também pouco interessa a maneira como o poderão vir a fazer. O que interessa verdadeiramente é que façam qualquer coisa destes locais e de maneira a preservar as suas qualidades. A recolha de informação relativa a estes espaços elaborada nesta dissertação, foi apenas um começo - estando consciente de que existirão muitos mais, o objectivo deste trabalho estará cumprido

quando este levantamento começar a crescer e o número de ideias a aumentar.

Se a motivação para o início deste trabalho foi uma interrogação, achei que não haveria melhor maneira de o concluir senão afirmar que as perguntas continuam: **Afinal, quem está disposto a procurar o verdadeiro valor presente nas Ruínas Genéricas?**



BIBLIOGRAFIA E CRÉDITOS DAS IMAGENS

- Ascher, F. (1998). *Metapolis: acerca do futuro da cidade*. (Á. Domingues, Trad.). Oeiras: Celta Editora.
- Augé, M. (2005). *Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. S.l.: 90 Graus Editora.
- Boeri, S., & Koolhaas, R. (2006). *Mutaciones*. Actar.
- Brillembourg, A., Klumpner, H., Urban-Think Tank Chair of Architecture and Urban Design, & ETH Zürich (Eds.). (2013). *Torre David: Informal Vertical Communities*. Germany: Lars Müller Publishers.
- Choay, F. (2006). *A Alegoria do Património*. (T. Castro, Trad.). Lisboa: Edições 70.
- Chung, C. J., Inaba, J., Koolhaas, R., & Leong, S. T. (2002). *Great Leap Forward / Harvard Design School Project on the City*. Taschen.
- Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional (Ed.). (1997). *Programas Urban e Reabilitação Urbana : Revitalização de Áreas Urbanas em Crise*. Lisboa: Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional.
- Fernández-Galiano, L. (2000). *Fire and Memory: on architecture and energy*. (G. Cariño, Trans.). The MIT Press.
- Figueira, J., Providência, P., & Grande, N. (Eds.). (2001). *Porto 1901-2001: guia de arquitectura moderna*. Porto: Ordem dos Arquitectos : Civilização.
- Heuvel, W. J. van. (1992). *Structuralism in Dutch architecture*. Rotterdam: Uitgeverij 010 Publishers.
- Koolhaas, R. (2008). *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Koolhaas, R. (2010). *Três textos sobre a cidade*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Lévi-Strauss, C. (1989). *O Pensamento Selvagem*. (T. Pellegrini, Trans.) (8ª ed.). Campinas,SP: Papirus.
- Levine, N. (2009). *Modern Architecture: representation and reality*. New Haven and London: Yale University Press.
- Lichtenstein, C., & Schreggenberger, T. (Eds.). (2001). *As Found: The Discovery of the Ordinary: British Architecture and Art of the 1950s* (1ª ed.). Lars Müller Publishers.
- Marques, H. S. (2006). *Entre o centro e a periferia: franjas reestruturadoras de cidade* (Dissertação de Mestrado). dARQ Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra. Acedido em <http://hdl.handle.net/10316/3754>
- Moreno, J. (2002). *O futuro das cidades*. São Paulo: Editora SENAC.
- Neto, M. J. B. (2001). *Memória, Propaganda e Poder: O Restauro dos Monumentos Nacionais (1929-1960)* (1ª ed.). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Oswalt, P. (2005). *Index of Contents and Introduction. In Shrinking Cities (Vol. 1, International Research)*. Germany:

- Hatje Cantz Verlag. Acedido em http://www.shrinkingcities.com/fileadmin/shrink/downloads/pdfs/SC_Band_1_eng.pdf
- Oswalt, P. (2008). *Shrinking Cities. In Shrinking Cities Complete Works 3: Japan*. Berlim: Project Office Philipp Oswalt. Acedido em http://www.shrinkingcities.com/fileadmin/shrink/downloads/pdfs/CWJapan_Kapitel1.pdf
- Pereira, J. I. da C. (2011). *Espaços residuais urbanos: os “baixios” de viadutos* (Dissertação de Mestrado). dARQ Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra. Acedido em <http://hdl.handle.net/10316/16556>
- Rowe, C., & Koetter, F. (1983). *Collage City* (1ª ed.). The MIT Press.
- Solà-Morales, I. de. (2002). *Territorios*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.
- Sousa, S. Á. de. (2010). *Planning for shrinking cities in Portugal* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Acedido em <http://hdl.handle.net/10216/59821>
- Wang, W., & Akademie der Künste, Berlin (Eds.). (2013). *Culture: City*. Berlim: Lars Müller Publishers.
- Artigos e periódicos**
- Barnett, B. (2010, Julho 7). Krakow’s “New Manhattan” Takes Shape. *Krakow Post*. Acedido em <http://www.krakowpost.com/article/2198>
- Ferreira, V. (2013, Julho 18). Detroit declara bancarrota. *PÚBLICO*. Acedido em Julho 29, 2013, em <http://www.publico.pt/n1600663>
- Fuenmayor, J. (2011, Abril 28). The Tower of David. *Domusweb.it*. Acedido em Dezembro 11, 2012, em <http://www.domusweb.it/en/architecture/the-tower-of-david/>
- Morais, N. (2009, Janeiro 29). Urbanização Jardins Mondego em zona verde. *Jornal de Notícias*. Acedido em Julho 30, 2013, em http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Coimbra&Concelho=Coimbra&Option=Interior&content_id=1123110
- Saskia Sassen. (2005). The Global City: Introducing a Concept. *Brown Journal of World Affairs*, 11(2).
- Spysz, A. (2009, Fevereiro 1). Rising Out of the Ruins. *Krakow Post*. Acedido em <http://www.krakowpost.com/article/1231>
- Szkieleto. (2013, Julho 14). In *Wikipedia, the free encyclopedia*. Acedido em <http://>

- en.wikipedia.org/wiki/Szkieletor
- Travasso, N. M. M. (2012). Do Puzzle à Collage. Da Collage à Bricolage. In *Actas do 6º European Symposium on Research in Architecture and Urban Design*. Presented at the EURAU12 Porto | Espaço Público e Cidade Contemporânea, Porto. Acedido em <http://hdl.handle.net/10216/64694>
- Tribunal deu “luz verde” aos Jardins do Mondego. (2013, Julho 6). *Diário de Coimbra*. Acedido em Julho 30, 2013, em <http://www.diariocoimbra.pt/noticias/tribunal-deu-luz-verde-aos-jardins-do-mondego>
- Vollaard, P. (2003). Radical reuse. *Archis*, Arbitare, The Reader(4).
- Zawada, G. (2012, Janeiro 6). Szkieletor Tower Undefeated. *Krakow Post*. Acedido em <http://www.krakowpost.com/article/2655>

Créditos das imagens

1. 2. Ascher, F. (1998). *Metapolis: acerca do futuro da cidade*. (Á. Domingues, Trad.). Oeiras: Celta Editora.
3. 4. 5. Oswald, P. (2008). *Shrinking Cities*. In *Shrinking Cities Complete Works 3: Japan*. Berlin: Project Office Philipp Oswald. Acedido em http://www.shrinkingcities.com/fileadmin/shrink/downloads/pdfs/CWJapan_Kapitel1.pdf
6. http://www.wga.hu/detail/m/michelan/1sculptu/giulio_2/slave11.jpg
7. Levine, N. (2009). *Modern Architecture: representation and reality*. New Haven and London: Yale University Press.
8. http://farm3.staticflickr.com/2603/4150221121_cbecb4b654_o.jpg
9. 10. Levine, N. (2009). *Modern Architecture: representation and reality*. New Haven and London: Yale University Press.
11. http://places.designobserver.com/media/images/heyman-folk-art-2b_525.jpg
12. <http://shelleysdavies.com/wp-content/uploads/2013/06/unite-dhabitation.jpg>
13. [http://generator.firmanett.no/\(c20h2t3m2p3cdg55sp4dxyj3\)/r/randesund/images/Ute_stauder/cymbalaria_pallida.jpg](http://generator.firmanett.no/(c20h2t3m2p3cdg55sp4dxyj3)/r/randesund/images/Ute_stauder/cymbalaria_pallida.jpg)
14. http://24.media.tumblr.com/tumblr_mefvpha1SM1r5ttuno1_1280.jpg
15. <http://bi.gazeta.pl/im/2/8224/z8224822Q.jpg>
16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. <http://www.skyscrapercity.com>

- com/showthread.php?p=31538406
23. http://d.polskatimes.pl/k/r/13/ec/78/4c1b81442e596_p.jpg
- 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31. Brillembourg, A., Klumpner, H., Urban-Think Tank Chair of Architecture and Urban Design, & ETH Zürich (Eds.). (2013). *Torre David: Informal Vertical Communities*. Germany: Lars Müller Publishers.
- 32, 33, 34, 35, 36, 37. <http://www.dezeen.com/2010/04/23/vakko-fashion-center-power-media-centre-by-rex-architecture/>
38. http://farm2.staticflickr.com/1433/1200606615_beb3c17f47_z.jpg?zz=1
39. <http://www.complizen.de/typo/typo3temp/pics/e455ea0651.jpg>
40. Wang, W., & Akademie der Künste, Berlin (Eds.). (2013). *Culture: City*. Berlin: Lars Müller Publishers.
- 41, 42. Brillembourg, A., Klumpner, H., Urban-Think Tank Chair of Architecture and Urban Design, & ETH Zürich (Eds.). (2013). *Torre David: Informal Vertical Communities*. Germany: Lars Müller Publishers.
- 43, 44. <http://citymovement.wordpress.com/2012/08/03/cedric-prices-potteries-thinkbelt/>
- 45, 46, 47. http://www.cm-coimbra.pt/dmdocuments/PDM_R2_1_Estudos_Characteriz_Rel_Sintese_aprov08_2008.pdf
- Todas as fotografias das Ruínas Genéricas em Coimbra - idealizadas por mim e pelo Vitor - são da autoria do Vitor Fernandes
- As fotografias originais usadas nos renders dos desdobráveis 10 e 13 são da autoria do Eduardo Mota